



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ – REITORIA DE PÓS – GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

RENATA DE SOUSA CORDEIRO

**OS CAMINHOS DO FRIO NO DESENVOLVIMENTO DO
BREJO PARAIBANO**

Campina Grande/PB

2014

RENATA DE SOUSA CORDEIRO

**OS CAMINHOS DO FRIO NO DESENVOLVIMENTO DO
BREJO PARAIBANO**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Area de Concentração: Desenvolvimento Regional

Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Desenvolvimento Regional

Professor Orientador: Dr. Julio César Cabrera Medina

Campina Grande/PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C794c Cordeiro, Renata de Sousa.

Os caminhos do frio no desenvolvimento do brejo paraibano
[manuscrito] / Renata de Sousa Cordeiro. - 2014.
104 p. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação
e Pesquisa, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Julio César Cabrera Medina, Programa
de Pós - Graduação em Desenvolvimento Regional".

1. Cultura regional. 2. Desenvolvimento regional. 3.
Representação social. 4. Desenvolvimento turístico. I. Título.

21. ed. CDD 338.9

RENATA DE SOUSA CORDEIRO

OS CAMINHOS DO FRIO NO DESENVOLVIMENTO DO BREJO PARAIBANO

Dr. JULIO CÉSAR CABRERA MEDINA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB / PRESIDENTE

Julio César Cabrera Medina

Dr^a ÂNGELA MARIA CAVALCANTI RAMALHO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB / EXAMINADORA INTERNA

Ângela Maria Cavalcanti Ramalho

Dr. GESINALDO ATAÍDE CÂNDIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG/ EXAMINADOR EXTERNO

Gesinaldo Ataíde Cândido

Campina Grande/PB

2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Rosineide de Sousa Cordeiro e Renato Moreira Cordeiro por dar-lhes a alegria com o término de uma etapa como pesquisadora. Espero que possam ficar felizes por ter assumido algo que realmente gosto de fazer. O encontro com o que se deseja é um ato de aprendizagem. Minha eterna gratidão pela educação e ensinamentos acerca da vida, pelo carinho e amor incondicionais e aos exemplos de pessoas nos quais sempre me espelho ao trilhar meu próprio caminho.

A minha irmã Rayana Caroline, pela amizade, carinho e atenção sempre depositados a mim, e por ter assumido a responsabilidade de compromisso com a família em dias de minha ausência e que mesmo na distância nunca mudou e sempre me fez lembrar o quanto é confortável saber que existe no mundo um amor tão especial.

O período de investigação, leitura e redação de um trabalho de pesquisa é bastante solitário. Por outro lado, o estudo exige a colaboração de muitos. Assim, os agradecimentos são inúmeros além de incalculáveis. Pensar na autoria de um texto desta natureza é necessário atribuir valor àqueles pensadores que deram fundamento teórico e metodológico. Por essa razão, deixo minha homenagem a todos os autores citados nas referências bibliográficas. Além disso, há os inesquecíveis momentos de aprendizagem através de informações empíricas transmitidas, particularmente, ao que concerne à pesquisa de campo, em especial a todas as representações sociais que fazem parte do Projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural no Brejo Paraibano.

Esta dissertação de Mestrado somente pôde ser realizada devido à confiança de Julio César Cabrera Medina. Com ele aprendi muito sobre cultura e turismo. Mas, ainda terei bastante conhecimento a adquirir com a possibilidade de continuidade de sua orientação, pois considero o Mestrado apenas um primeiro passo para o entendimento sobre a vida acadêmica. Não obstante esse movimento já ser o início de uma revolução pessoal no modo de pensar e ver o mundo moderno. O projeto proposto, por sua vez, mereceu uma clareza somente alcançada dadas as suas contribuições na busca conjunta do problema a ser fixado e desenvolvido.

Agradeço a todas as escolas e profissionais da educação pelos quais passei durante a minha vida discente e que têm importância fundamental no meu crescimento educacional, na qual jamais esquecerei dessas bases.

A Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, onde ingressei no curso de Geografia, e em seguida ao curso de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental, na qual conheci grandes profissionais e fiz muitos amigos, em especial os professores: Luciene Vieira de Arruda, Antônio Carlos Belarmino, Lanusse Salim Rocha Tuma, Belarmino Mariano Neto, Cléoma Toscano, Tânia Maria dos Santos Cavalcanti, Regina Nogueira, Aline Barbosa e Rita Cavalcante.

A Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, seus profissionais da Biblioteca Central e a todos que compõem a Pós – Graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR. Externo o meu mais profundo agradecimento aos professores Dr^a. Maria Dilma Simões, Dr^a. Ângela Ramalho, Dr^a. Nerize Laurentino, Dr. Cidoval Moraes, Dr. Luciano Albino.

A banca examinadora, professores Dr^a Ângela Maria Cavalcanti Ramalho/UEPB e Dr^o Gesinaldo Ataíde Cândido/UFCG, agradeço pela disposição e boa vontade em contribuir com seus valiosos conhecimentos.

A CAPES – CNPq pelo apoio, financiamento e incentivo a pesquisa durante o período do mestrado, e pela oportunidade em participar como bolsista do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/UEPB, e do intercâmbio na PUC – Curitiba/PR, referente ao PROCAD – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica.

Aos professores do Programa de Pós – Graduação em Gestão Urbana – PPGTU/PUC, Dr^o. Carlos Hardt, Dr^o. Clovis Ultramari, Dr^o. Fábio Duarte, Dr^a. Letícia Hardt, Dr^o. Carlos Sampaio e Dr^a. Zulma das Graças Lucena Schussel, obrigada a todos pela receptividade e por todos os conhecimentos adquiridos.

Aos colegas da turma 2012 do Programa de Pós – Graduação em Desenvolvimento Regional, e aos demais amigos. A essas pessoas maravilhosas, e aquelas que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização dessa pesquisa, o meu mais reconhecimento de gratidão.

CORDEIRO, Renata de Sousa. Os Caminhos do Frio no Desenvolvimento do Brejo Paraibano. 2014. 104---p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/PPGDR – Strictu sensu). Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Brasil, 2014.

RESUMO

Um dos caminhos para o desenvolvimento regional na microrregião do Brejo Paraibano é o evento Caminhos do Frio - Rota Cultural, onde se busca disseminar a cultura regional selecionando um conjunto de elementos artísticos, culturais e naturais da região. O objeto desta pesquisa é os Caminhos do Frio - Rota Cultural na microrregião do Brejo no Estado da Paraíba. Através dessa perspectiva é necessário compreender que os roteiros são uma seqüência de atividades que procura configurar uma determinada experiência turística e que são essas razões que orientaram a escolha desse roteiro, entre outros possíveis elementos centrais na construção de rotas turísticas. Desta forma, o problema da pesquisa é de compreender como se dá o processo de desenvolvimento turístico regional na microrregião do Brejo Paraibano a partir do Projeto Caminhos do Frio - Rota Cultural. O objetivo geral da pesquisa é analisar as relações existentes entre as representações e ações dos distintos agentes envolvidos na Rota Cultural Caminhos do Frio e suas implicações para o desenvolvimento turístico regional. A metodologia utilizada na pesquisa foi a qualitativa e o método foi a análise do discurso (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005) e das representações sociais a partir da obra de Moscovici (2009). Os agentes de pesquisa são, os Agentes Institucionais, como o Fórum do Turismo Sustentável do Brejo paraibano e o Sebrae; as secretarias de turismo e cultura dos municípios de Areia, Bananeiras, Serraria, Alagoa Grande, Alagoa Nova e Pilões; a PBTur; as associações e empresários da região vinculados com a Rota Caminhos do Frio. A relevância desta pesquisa está em conhecer o desenvolvimento regional originado a partir do turismo cultural através do projeto Caminhos do Frio - Rota Cultural, bem como a ligação entre as representações sociais, as ações e as relações existentes entre os distintos agentes envolvidos no processo de construção da Rota. Foi analisado, que o espaço geográfico do Brejo é um espaço que está sendo reconstruído a partir de suas potencialidades culturais e econômicas para o desenvolvimento do turismo, das representações sociais dos agentes e das ações destinadas ao desenvolvimento turístico. Foi concluída na pesquisa, que o Brejo é um espaço que está sendo reconstruído a partir de suas potencialidades culturais e econômicas para o desenvolvimento do turismo, também das representações sociais dos agentes e das ações destinadas ao desenvolvimento turístico.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Regional, Turismo, Cultura, Representação Social

CORDEIRO, Renata de Sousa. The Ways of Cold in the Brejo Development. 2014. 104---p. Master Dissertation (Graduate Program in Regional Development /PPGDR – Strict sense). State University of Paraíba – UEPB, Brazil, 2014.

ABSTRACT

One way to regional development in the micro is the Brejo Paths Cold Event - Cultural Route, where it seeks to disseminate the regional culture by selecting a set of artistic, cultural and natural elements of the region. The object of this research is the Paths of the Cold - Cultural Route in the microregion of the heath in the state of Paraíba. Through this perspective is necessary to understand that the scripts are a sequence of activities that demand a certain set tourist experience and what are those reasons that guided the choice of script, among other possible central elements in the construction of tourist routes. Thus, the research problem is to understand how is the process of regional tourism development in the microregion of the Brejo from the Project Paths Cold - Cultural Route. The overall objective of the research is to analyze the relationship between the representations and actions of different agents involved in Rota Cultural Paths Cold and its implications for regional tourism development. The methodology used in the research was qualitative and the method was discourse analysis (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005) and social representations from the work of Moscovici (2009). The agents searched are the institutional agents, such as Sustainable Tourism Forum and the Heath Paraíba SEBRAE; the departments of tourism and culture of the cities of Sand, Banana, Sawmill, Alagoa Grande, New Alagoa and pylons; the PBTUR; associations and entrepreneurs in the region linked with Route Paths Cold. The relevance of this research is to meet regional development originated from the cultural tourism through the Paths of the Cold project - Cultural Route as well as the connection between social representations, actions and relationships between the different actors involved in the construction process Route. Was analyzed, the geographic area of the heath is a space that is being reconstructed from its cultural and economic potential for tourism development, social representations of agents and actions aimed at tourism development. Was completed in the research, the Heath is an area that is being reconstructed from its cultural and economic potential for the development of tourism, also the social representations of agents and actions aimed at tourism development.

KEYWORDS: Regional Development, Tourism, Culture, Social Representation

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJAC: Associação dos Jovens de Arte e Cultura

BIRD: Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNB: Banco do Nordeste do Brasil

EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo

FRTSB: Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano

MTUR: Ministério do Turismo

OIT: Organização Internacional do Trabalho

OMT: Organização Mundial do Turismo

ONU: Organização das Nações Unidas

PB: Paraíba

PBTUR: Companhia Paraibana de Turismo

PE: Pernambuco

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PNT: Política Nacional de Turismo

PRODETUR-NE: Programa para o Desenvolvimento do Turismo na Região Nordeste

PRT: Programa de Regionalização do Turismo

RN: Rio Grande do Norte

SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UFCG: Universidade Federal de Campina Grande

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WCTT: World Travel & Tourism Council (Conselho Mundial de Viagens e Turismo)

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Dimensões do Desenvolvimento.....	19
Figura 02: Hexágono do Desenvolvimento Regional (Boisier,1996)	30
Figura 03: Elementos do Espaço.	51
Figura 04: Sistema espacial da geografia social (Maier, 1987).....	55
Figura 05: Folder dos Caminhos do Frio – Rota Cultural.....	82
Figura 06: Floricultura no Município de Pilões.....	84
Figura 07:Flores Tropicais na Associação Olho D'Água.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Avaliação do Fórum da Rota Caminhos do Frio	80
--	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Regiões Turísticas do Estado da Paraíba	62
Mapa 02: Localização do Brejo Paraibano.....	63

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1. DESENVOLVIMENTO: CONCEITOS E ABORDAGENS	17
1.1 Discursos e concepções teóricas sobre o desenvolvimento	17
1.2 Global e regional no processo de desenvolvimento	23
1.3 O Desenvolvimento Regional Situado	25
2. TURISMO CULTURAL COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO	33
2.1 A Cultura como indutora do desenvolvimento	34
2.2 O Turismo como indução do desenvolvimento	39
2.3 Turismo cultural no desenvolvimento do território	44
3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AÇÕES DE TRANSCENDÊNCIA ESPACIAL	49
3.1 A construção social do espaço turístico	49
3.2 Representações sociais e a construção simbólica do espaço	52
3.3 Agentes e ações no processo de construção material do espaço	56
4. DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO REGIONAL: OS CAMINHOS DO FRIO NO BREJO PARAIBANO	60
4.1 Rota Cultural Caminhos do Frio no Desenvolvimento turístico e regionalização do brejo paraibano	60
5. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOB O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ROTA CULTURAL CAMINHOS DO FRIO.....	66
5.1 Construção do desenvolvimento turístico regional	66
5.2 A promoção do turismo cultural no Brejo Paraibano	70
6. AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA REGIÃO DO BREJO.....	75
6.1 Conhecer as distintas ações desenvolvidas pelos agentes	75
6.2 Conseqüências geradas pelas ações realizadas no espaço	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

As teorias sobre o desenvolvimento evoluíram de uma concepção centrada na economia a uma interpretação mais abrangente e multidimensional que incorpora as dimensões sociais, culturais, políticas e ambientais. A compreensão da economia e da cultura possibilita uma percepção multidisciplinar do desenvolvimento que analise as distintas dimensões e seus efeitos espaciais. Como analisa Furtado (2011) a economia e a cultura são duas dimensões do desenvolvimento estreitamente vinculadas entre si.

O desenvolvimento, além de ser o fenômeno do aumento de produtividade do fator trabalho, é um processo de adaptação das estruturas sociais a um horizonte em expansão de possibilidades abertas ao homem. É através desses modelos, que são criados e recriados propostas como alternativas para promover a valorização cultural e a inclusão social. A partir de novas leituras é possível que o desenvolvimento venha tornar-se propagador dos valores humanos, e que procure provocar mudanças nas organizações políticas, institucionais e econômicas.

De acordo com o economista SEN (2000) o crescimento econômico é necessário, mas não suficiente para resultar em desenvolvimento, mostrando que uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de capital e de crescimento do produto nacional bruto e de outras variáveis econômicas.

O autor define desenvolvimento como “liberdade positiva”, incorporando na sua definição todos os direitos e capacidades que dão ao indivíduo a possibilidade de realização existencial e de busca de felicidade. Nesse sentido, o desenvolvimento amplia os espaços de sociabilidade e participação, reconhecendo e valorizando a dimensão simbólica da existência como maneira de preservar o meio físico e os patrimônios materiais e imateriais.

Nos estudos desenvolvidos por Zaoual (2008) enfatiza-se que o desenvolvimento nasceu de uma vontade de potência da cultura ocidental entendida como projeto de domínio do mundo.

O planejamento regional do turismo, a partir da integração de municípios em agrupamentos ou regiões, é uma forma de concentrar esforços, orientar investimentos, aplicar recursos financeiros e ordenar as suas ofertas turísticas. O

Brasil, a partir do Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo (BRASIL, 2013), se encontra em processo de definição e consolidação de agrupamentos municipais que possam articular aos agentes regionais para promover o desenvolvimento. A articulação de ações nos âmbitos nacional, estadual e municipal se especifica em roteiros turísticos que constroem produtos integrados regionalmente. Um roteiro turístico sintetiza um processo de ordenação de elementos territoriais que orientam as formas de uso do território e na revalorização de determinados aspectos culturais para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística.

Uma das alternativas para o desenvolvimento regional na microrregião do Brejo Paraibano é o evento Caminhos do Frio - Rota Cultural, onde se busca disseminar a cultura regional selecionando um conjunto de elementos artísticos, culturais e naturais da região. Os Caminhos do Frio surgiu em 2005, com a realização do I Seminário de Regionalização do Turismo do Brejo Paraibano, com a participação de parte dos municípios da região. Na ocasião, foi apresentada a ideia de um roteiro turístico cultural, norteado pelas diretrizes de regionalização do turismo do Plano Nacional de Regionalização do Turismo (BRASIL, 2013). O evento foi uma realização do Fórum Regional do Turismo Sustentável do Brejo Paraibano, em parceria com o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura, e com o apoio das prefeituras municipais participantes e divulgação nacional por parte da PBTur.

O objeto desta pesquisa é os Caminhos do Frio - Rota Cultural, os municípios que participam da Rota e as ações realizadas para promover o turismo cultural. No entanto, é preciso conhecer as representações sociais que orientam essas ações para interpretar os efeitos que a Rota pode ter sobre o território. Como argumenta Souza (2005) estas são questões relevantes que podem ser analisadas para verificar os efeitos do turismo na ordenação do território e na cultura regional. Através dessa perspectiva é necessário compreender que os roteiros são uma seqüência de atividades que procura configurar uma determinada experiência turística escolhendo alguns dos elementos culturais, e excluindo outros, na construção de rotas turísticas.

Desta forma, o problema da pesquisa é compreender como se dá o processo de desenvolvimento turístico regional na microrregião do Brejo Paraibano a partir do Projeto Caminhos do Frio - Rota Cultural.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as relações existentes entre as representações e ações dos distintos agentes envolvidos na Rota Cultural Caminhos do Frio e suas implicações para o desenvolvimento turístico regional. Enquanto que os objetivos específicos estão delimitados em: identificar as representações sociais sob o desenvolvimento turístico na região dos distintos agentes que participam do processo de construção da Rota; especificar as ações para o desenvolvimento turístico na região do Brejo, através dos agentes que participam do processo; interpretar as relações existentes entre os distintos agentes envolvidos e suas implicações para o desenvolvimento turístico regional.

De acordo com Lakatos e Marconi (2010) a pesquisa científica tem a finalidade não apenas de fazer uma descrição dos dados pesquisados empiricamente, mas, também, de interpretar os dados obtidos a partir das teorias. Assim, a metodologia segundo Severino (2007) é um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações entre os fenômenos.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a abordagem qualitativa, que permitira conhecer o objeto de pesquisa desde a interpretação de cada um dos agentes sobre o contexto da ação, sobre as ações e sobre os resultados dessas ações sobre o território. Além disso, a pesquisa qualitativa permite a descrição dos fenômenos mediante o contato direto do pesquisador com o objeto em estudo.

A escolha do método foi de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois o mesmo auxilia em como o problema foi investigado e por que determinados métodos e técnicas foram empregados. Na pesquisa o método de análise foi o discurso coletivo (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005) e das representações sociais a partir da obra de Moscovici (2009).

As técnicas de acordo com Severino (2007) são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Nesta dissertação foram utilizadas: a pesquisa documental, que permite conhecer a forma de elaboração do projeto e suas ações propostas; as entrevistas semi – estruturadas e a observação, assim como a pesquisa de campo e bibliográfica.

Como ressalta Severino (2007) a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, e uma articulação do lógico com o real. Assim, toda modalidade de conhecimento científico implica uma condição prévia, um pressuposto relacionado à nossa concepção da relação sujeito/objeto. Neste sentido, a pesquisa foi realizada através das relações entre as representações e as ações dos sujeitos e seus efeitos no espaço do objeto de estudo.

A técnica da observação relaciona, através do contato direto, ao pesquisador com o fenômeno observado, a fim de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seu próprio contexto. Oliveira (2007) destaca as observações como uma forma de buscar os fundamentos na análise do meio onde vivem os atores sociais. Os agentes institucionais da pesquisa foram: o Fórum de Turismo Sustentável do Brejo paraibano, o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas), as secretarias de turismo e cultura dos municípios de Areia, Bananeiras, Serraria, Alagoa Grande, Alagoa Nova e Pilões, a PBTur, as associações e empresários da região vinculados com a Rota Caminhos do Frio.

Os documentos avaliados na pesquisa foram as leis, normas e documentos de criação do projeto Rota Cultural Caminhos do Frio; Relatório de atividades realizadas e investimentos públicos; Plano de desenvolvimento cultural e turístico das cidades envolvidas no evento; Relatório das atividades culturais desenvolvidas nos municípios envolvidos durante o evento.

As entrevistas representam um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Para Oliveira (2007) a entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e a obtenção de descrições trabalhadas sobre o que se está pesquisando. No entanto, como instrumento de coleta de dados empíricos, foi utilizada a entrevista semi-estruturadas, sendo assim, uma forma de poder explorar com maior flexibilidade as questões principais desta pesquisa.

A relevância desta pesquisa está em conhecer o desenvolvimento regional originado a partir do turismo cultural através do projeto Caminhos do Frio - Rota Cultural, bem como a ligação entre as representações sociais, as ações e as relações existentes entre os distintos agentes envolvidos no processo de construção da Rota Cultural Caminhos do Frio. A Rota foi escolhida como objeto de estudo, por se caracterizar por um roteiro construído para proporcionar uma experiência

turística, divulgar a cultura, e principalmente por ser uma rota elaborada a partir das experiências das comunidades locais e regionais.

Esta dissertação encontra-se estruturada em seis capítulos. No primeiro capítulo foram apresentadas considerações sobre conceitos e abordagens do desenvolvimento, seus discursos e concepções teóricas; o global e regional no processo de desenvolvimento e o desenvolvimento regional situado. No segundo capítulo foi destacado o turismo cultural como fator de desenvolvimento; a cultura como indutora do desenvolvimento; o turismo como indução do desenvolvimento e o turismo cultural no desenvolvimento do território. No capítulo três se fez destaque para as representações sociais e a construção e ações do espaço turístico. O quarto, o quinto e o sexto capítulo, são referentes ao foco principal da pesquisa, que é a análise do desenvolvimento turístico regional, os Caminhos do Frio – Rota Cultural no brejo paraibano. Neles são apresentados os resultados da observação, da análise documental e das entrevistas realizadas aos sujeitos participantes.

Esta dissertação tem por finalidade abordar outras perspectivas além da econômica para a compreensão das relações entre o desenvolvimento, o turismo e a cultura. A abordagem aqui em destaque é baseada nos pressupostos do desenvolvimento cultural reconhecendo que o crescimento econômico é uma condição necessária, mas não suficiente, para promover a qualidade de vida dos cidadãos e de um território. Esta abordagem implica considerar condições objetivas e subjetivas das realidades locais de cada município e da cultura como uma das dimensões geradoras de desenvolvimento turístico. É neste contexto que as reflexões teórico/metodológicas sobre o turismo cultural contribuem e constituem uma análise importante da realidade contemporânea, principalmente quando associadas ao contexto do desenvolvimento. Espera-se que essa pesquisa contribua com informações capazes de nortear novos estudos científicos mais adequados às particularidades e realidades sobre o desenvolvimento regional.

1. DESENVOLVIMENTO: CONCEITOS E ABORDAGENS

As discussões acerca do conceito de desenvolvimento têm crescido nas últimas décadas, principalmente quando os mais críticos começam a discutir a relação entre crescimento de uma economia e o desenvolvimento de uma sociedade. O envolvimento das comunidades na construção dos processos de desenvolvimento permite trabalhar com atores sociais. Dessa maneira, a forma de participação das comunidades passa a ser tema de debates tanto por acadêmicos, quanto por representantes do poder público aos atores sociais.

O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política, e principalmente cultural e social. Como ressalta Furtado (1984), o desenvolvimento se realiza quando os valores humanos se abrem para a capacidade criativa e a acumulação se difunde em segmentos importantes da coletividade. Assim, este capítulo aborda aspectos relacionados com a teoria do desenvolvimento e suas implicações com os processos de regionalização. Partiu-se do estudo de alguns conceitos básicos do Desenvolvimento, chegando a um estudo do desenvolvimento em nível regional. Nessa tarefa foi dada uma ênfase especial à participação dos atores sociais locais, nos processos de iniciativas comuns ou coordenados entre si.

1.1. Discursos e concepções teóricas sobre o desenvolvimento

O desenvolvimento pode ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações. Além de um processo meramente de ordem econômica, é um processo político, cultural e social e que exige capacidade criativa. Para Oliveira (2006) o desenvolvimento se destaca como sendo nada mais que o crescimento – incrementos positivos no produto e na renda – transformado para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, entre outras. No entanto, pensar em desenvolvimento é pensar nessas e outras variáveis que podem afetar a qualidade de vida da sociedade.

Como conceito histórico e social, o desenvolvimento é por natureza aberto, o que o diferencia da noção de desenvolvimento orgânico. De acordo com estudos

elaborados por Wolfe (1976) o desenvolvimento pode ser interpretado por diversas concepções e abordagens, na qual as diferenças têm por núcleo as seguintes questões,

nas imagens da ordem internacional e de seu papel no desenvolvimento nacional; nas imagens das estruturas sociais nacionais existentes e das relações de poder; nas imagens, impregnadas de juízos de valor, da sociedade futura a surgir do processo de desenvolvimento; natureza dos agentes a quem deve ser confiada a direção ou o impulsionamento do desenvolvimento; e nas opções que se oferecem aos agentes na tentativa de passar do presente não satisfatório para o futuro desejado (WOLFE, 1976, p. 17-18).

O desenvolvimento pode ser assim redefinido em termos da universalização e do exercício efetivo de todos os direitos humanos: políticos, civis e cívicos; econômicos, sociais e culturais; bem como direitos coletivos ao desenvolvimento, ao ambiente entre outros.

Como argumenta Sachs (2004) à idéia de desenvolvimento deve-se ao fato de ter funcionado como armadilha ideológica inventada para perpetuar as assimétricas relações entre as minorias dominantes e as maiorias dominadas, nos países e entre países. E foi como subproduto das teorias cíclicas que para Furtado (2009) começaram a surgir idéias na esfera econômica relativas ao processo de desenvolvimento.

A partir dessas novas leituras, perspectivas e interpretações, a prosperidade econômica, que antes era vista como a essência do progresso, tornam-se meio para o desenvolvimento dos valores sociais e humanos.

O conceito de desenvolvimento abre-se assim para novos paradigmas, que vão privilegiar novas perspectivas econômicas e introduzir novas problemáticas, como a da sustentabilidade, liberdade individual, diversidade cultural e participação social. Novas configurações e contornos do conceito de desenvolvimento vão provocar mudanças na política, na economia, nos comportamentos humanos e nas organizações institucionais (BRASILEIRO, 2012, p.83).

De acordo com estudos desenvolvidos por Fernandes (2008) o processo do desenvolvimento só pode ser desencadeado a partir de dentro, através da modificação das estruturas sociais, econômicas, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esses condicionantes se relacionam diretamente com o surgimento da teoria do desenvolvimento. Ver figura 01:

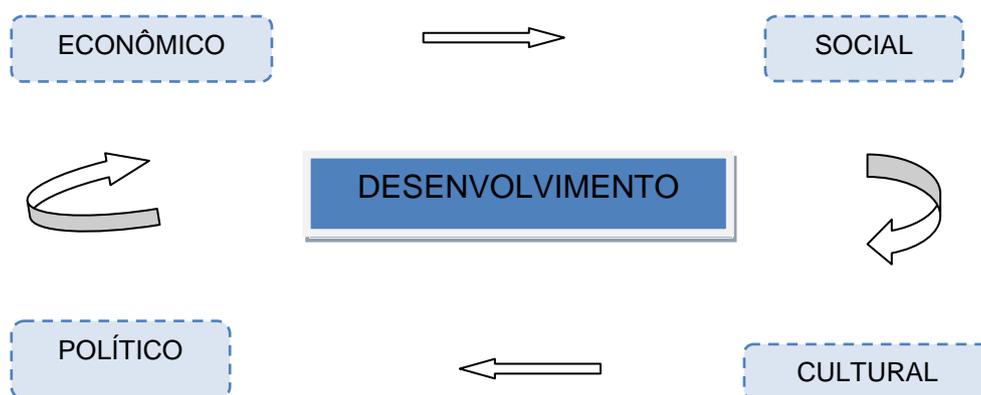


Figura 01: Dimensões do desenvolvimento.

Fonte: FERNANDES (2008) adaptação da autora, CORDEIRO (2013).

Desse ângulo, o desenvolvimento não é um “problema econômico”, e tampouco um “problema social”, um “problema cultural”, um “problema político”. Ele possui o caráter de um problema complexo, que afeta toda a organização social na sua dimensão econômica, social e cultural e que diz respeito, essencialmente, aos efeitos espaciais sobre o território, a curto ou a longo prazo.

Para o economista (Amartya Sen, 2000, p.18), o desenvolvimento pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. O mesmo destaca que a liberdade é central para o processo de desenvolvimento por duas razões: primeira pela razão avaliatória, na qual a avaliação do progresso tem de ser feita verificando-se primordialmente se houve aumento das liberdades das pessoas; a segunda é a razão da eficácia, pois a realização do desenvolvimento depende inteiramente da livre condição de agente das pessoas, é importante destacar que a condição de agente livre e sustentável emerge como um motor fundamental do desenvolvimento.

É importante destacar que o desenvolvimento para muitos teóricos, aparece como contradições, enquanto que para outros, apontam caminhos para as políticas de desenvolvimento. Já o subdesenvolvimento, é visto como um fenômeno presente no quadro da história contemporânea. Ele é o ponto de partida, ou seja, o ponto zero, caminho percorrido, em termos históricos, pelos países desenvolvidos. O subdesenvolvimento é considerado por algumas teorias, como sendo o estado de subordinação e discriminação, porém seus conceitos guardam grandes significados

e influem na maneira de pensar e agir de políticos, governos, empresários e representantes sociais.

Nessa perspectiva Furtado (2011) analisa o subdesenvolvimento como conseqüência da rápida propagação de novas formas de produção, partindo de um numero limitado de centros irradiadores de inovações tecnológicas, o processo tendeu a criação de um sistema econômico de âmbito planetário.

Dessa forma, é que o subdesenvolvimento vem a ser considerado como uma criação do desenvolvimento, como conseqüência do impacto, em grande numero de sociedades, de processos técnicos e de formas de divisão do trabalho irradiados do pequeno numero de sociedades que se haviam inserido na Revolução Industrial em sua fase inicial, ou seja, até fins do século XIX.

O subdesenvolvimento como explica Furtado (2011) não pode ser estudado como uma “fase” do processo de desenvolvimento, fase que tenderia a ser superada sempre que atuassem conjuntamente certos fatores. Em síntese, para o autor da teoria do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, os mesmos devem ser considerados como dois aspectos de um mesmo processo histórico, ligado à criação e à forma de difusão da tecnologia moderna.

A questão do desenvolvimento é assim, uma tarefa intelectual e política de primeira ordem e que precisa ser debatida devido a sua importância. Temos de pensá-lo no interior do processo de globalização e trabalhar de maneira refinada a diferença entre crescimento e desenvolvimento, repensar sua dimensão social e cultural que não estava presentes nos primeiras teorias sobre o desenvolvimento. Como analisa Oliveira (2006), o desenvolvimento depende das características de cada país ou região, do seu passado histórico, da posição e extensão geográficas, das condições demográficas, da cultura e dos recursos naturais que possuem.

De acordo com estudos desenvolvidos por Fernandes (2008) não devemos subestimar a natureza das dificuldades que enfrentamos, em escala nacional. Ao contrário do que se pensa e do que se tem propalado como uma espécie de matéria de fé, os problemas do Brasil vistos sociologicamente, não são “problemas de crescimento”. Crescimento tem havido, especialmente em nível econômico.

O desenvolvimento não chegou a assumir, porém, as proporções e um padrão que afetassem a integração do Brasil como uma sociedade nacional e sua posição no conjunto das demais sociedades nacionais, que compartilham da mesma

civilização. Assim, o que nos deve interessar é o modo de participar do padrão dessa civilização. Desde que se veja o desenvolvimento como um problema nacional, o diagnóstico e a atuação prática implicam querer coletivo polarizado nacionalmente. O mesmo autor ainda enfatiza que,

No caso brasileiro, semelhante polarização tem de ser condicionada, tanto em termos negativos (de repúdio a certos fatores ou efeitos de ordem existente) quanto em termos positivos (de identificação com os objetivos a serem alcançados, através da superação dessa ordem), pelas inconsistências estruturais e dinâmicas que vêm dificultando ou impedindo o Brasil de realizar-se e de se desenvolver – se, plenamente, como uma sociedade nacional. (FERNANDES, 2008, p. 157)

Para uma melhor compreensão, foi observado que o crescimento econômico, tal qual o conhecemos, vem se fundando na preservação dos privilégios das elites que satisfazem seu afã de modernização, já o desenvolvimento se caracteriza pelo seu projeto social subjacente. No entanto, dispor de recursos para investir está de ser uma condição suficiente para preparar um melhor futuro para a massa da população, mas é quando o projeto social prioriza a efetiva melhoria das condições de vida de uma dada população, é que o crescimento se metamorfoseia em desenvolvimento.

Para pensar o desenvolvimento na escala humana, toma-se o pensamento de Neef (1994) como referência para aprofundar e criticar as teorias de desenvolvimento. A escala humana se efetiva com as políticas públicas reorientando suas prioridades para o social e para o homem como beneficiário quando se aprofunda na sociedade a consciência da dignidade do ser humano e quando se extingue a estrutura social que agride sistematicamente os direitos da pessoa humana. Para (CORIOLANO e SAMPAIO, 2012) o desenvolvimento na escala humana se baseia na autonomia dos países, das pessoas e de comunidades, de maneira a convertê-los em sujeitos do processo de desenvolvimento, e não apenas em meros objetos.

Aprofunda-se a consciência da dignidade do ser humano extinguindo a estrutura social agressora dos direitos humanos. NEEF (1994) destaca o desenvolvimento privilegiando o ser humano, no desabrochar de suas potencialidades, assegurando aos cidadãos subsistência, trabalho, educação e

condições de vida digna. Ao contrário da economia do ter, baseia-se na sociedade do ser, cujo desenvolvimento é centrado no homem e na cultura de cooperação e solidariedade.

Ao desenvolvimento atribui-se significados, valorações e direções, associado a algo positivo ou que conduz para melhor. Quase sempre falar de desenvolvimento é falar do futuro, do mundo que se quer (do devir) e não do mundo que se vive. Desenvolvimento é um processo multidimensional, territorial, ambiental, econômico, social e cultural.

Uma forma de percepção que tem modelado a realidade, produzindo mitos, fantasias, paixões, violências, e políticas. Portanto, para tratar da realidade é preciso deixar explícitos os elementos e os nexos principais que conduzem a lógica do desenvolvimento hegemônico e qual desenvolvimento se pretende alcançar, desde que fuja do proposto pela economia clássica e reduzido ao crescimento econômico. Durante muito tempo pensou-se que o crescimento econômico fosse o próprio desenvolvimento. Hoje, há consenso mundial da diferença entre crescimento e desenvolvimento, embora se possa admitir alguma relação entre eles.

Voltar o desenvolvimento para a escala humana e o turismo para benefício de comunidades, ou do desenvolvimento local e regional, significa adotar políticas que criem oportunidades de trabalho e renda para a maioria, sem deixar de dar a proteção social requerida, colocando o homem no centro do poder, promovendo sua realização.

Concretamente, espera-se que sejam programadas atividades de revalorização do lugar e de crédito aos habitantes do lugar. Atividades planejadas localmente, partindo do social e cultural do grupo para as atividades econômicas, rompendo com a ordem e os valores da sociedade capitalista. O desenvolvimento humano sustenta-se na satisfação das necessidades fundamentais, com níveis crescentes de independência dos indivíduos, em articulação orgânica com a natureza, servindo-se da tecnologia, para integrar-se aos processos globais, contudo respeitando os valores e os comportamentos regionais e locais.

1.2. O Global e o regional no processo de desenvolvimento

A contextualização sobre desenvolvimento fundamenta-se em reflexões de exemplos globais, assim como regionais e locais, considerando suas diversas interpretações. Os estudos dos fatores da delimitação territorial do desenvolvimento são apresentados pelo referencial teórico abordado no respectivo capítulo. Assim, a visão sistêmica de concentração regional das atividades produtivas voltadas ao turismo cultural é uma estratégia relevante para entender as variáveis que dificultam ou impulsionam o desenvolvimento.

Alguns dos dirigentes políticos vem apoiando e discutindo a ideia de desenvolvimento como tema central da política oficial e afirmando que todos os países têm o direito e a capacidade de se desenvolverem. Assim, teóricos e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, vem discutindo maneiras de desenvolverem o território, desde o âmbito local, ao regional, nacional e global.

O desenvolvimento em abordagens mais amplas, apresenta o crescimento econômico acompanhado de melhoria na qualidade de vida, ou seja, como possibilidade de inclusão das “alterações da composição do produto a alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia)” (VASCONCELLOS e GARCIA, 1998, p.205).

O objetivo do desenvolvimento relaciona-se á avaliação das liberdades reais desfrutadas pelas pessoas, na qual as capacidades individuais dependem crucialmente, entre outras coisas, de disposições econômicas, sociais e políticas, onde os fins e os meios do desenvolvimento exigem que a perspectiva da liberdade seja colocada no centro do palco (SEN, 2000).

Nessa perspectiva, as pessoas têm de ser vistas como ativamente envolvidas – dada à oportunidade – na conformação de seu próprio destino, e não apenas como beneficiárias passivas dos frutos de engenhosos programas de desenvolvimento.

Como afirma Sen (2000) o Estado e a sociedade têm papéis amplos no fortalecimento e na proteção das capacidades humanas, sendo assim, papéis de

sustentação, e não de entrega sob encomenda. É nesse propósito que a liberdade é central em relação aos fins e aos meios do desenvolvimento e merece toda a nossa atenção.

O processo de desenvolvimento se realiza, seja através de combinações novas dos fatores existentes no nível da técnica conhecida, seja através da introdução de inovações técnicas. Numa simplificação teórica se pode admitir como plenamente desenvolvidas, num momento dado, aquelas regiões em que, não havendo desocupação de fatores, só é possível aumentar a produtividade (a produção real per capita) introduzindo novas técnicas. Por outro lado, as regiões cuja produtividade aumenta ou poderia aumentar pela simples implantação das técnicas já conhecidas são consideradas em graus diversos de subdesenvolvimento (FURTADO, 2009 pg. 85).

De acordo com Fernandes (2008) o desenvolvimento é analisado em dois sentidos:

o primeiro equivale a diferenciação das formas de integração de ordem social e pode ser representado, conceptualmente, como “multiplicação das formas de interação numa determinada sociedade”. Enquanto que no segundo sentido, o desenvolvimento significa o modo pelo qual os homens transformam socialmente a organização da sociedade e pode ser representado, conceitualmente, como a forma histórica pela qual os homens lutam, socialmente, pelo destino do mundo em que vivem com os ideais correspondentes de organização da vida humana e de domínio ativo crescente sobre os fatores de desequilíbrio da sociedade de classes (FERNANDES, 2008, p. 145-146).

O discurso em torno do desenvolvimento é uma questão polêmica, na qual o referente é disputado pelos interessados, além de apresentar diferentes significados de acordo com sua aplicabilidade ou área na qual esteja inserido.

Para Sthor e Taylor (1981), o desenvolvimento centrado na idéia de baixo para cima ou o paradigma desde baixo tem como fundamento o desenvolvimento pleno das potencialidades e habilidades humanas da sociedade local. O paradigma “desde baixo” aponta a necessidade de as políticas privilegiarem os elementos locais para promover o desenvolvimento, visando o aproveitamento pleno dos recursos humanos, ambientais e institucionais da região.

Com relação às estratégias de desenvolvimento, foi observado que na dimensão de território, principalmente no Brasil no período recente, os países do

centro têm dado prioridade ao desenvolvimento endógeno (regional ou local), o que evidencia a substituição das abordagens macro pelas abordagens micro – espaciais. Assim, como argumenta Zaoual (2008) a medida que cresce o global, também amplia-se o sentimento do local.

Para complementar a ideia, Furtado (2011) destaca que o desenvolvimento é a transformação do conjunto das estruturas de uma sociedade em função dos objetivos que se propõe alcançar essa sociedade. Para ele a acumulação de capital acompanha todas as formas de desenvolvimento e se pode dizer que ela é condição necessária – contudo, não é ele em si o fator primário responsável pelo desenvolvimento. Mas, foi através da assimilação do progresso tecnológico que se passou a atuar como sendo assim um novo fator de impulsão do desenvolvimento.

O espaço passou a ser objeto de estudo do desenvolvimento, imbricando as dimensões do local, do regional, nacional e do global. Nessa perspectiva foi analisada que a concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento e de outras variáveis relacionadas à renda, sem desconsiderar a importância do crescimento econômico, precisamos enxergar muito além dele.

Os fins e os meios do desenvolvimento requerem análise e exame minuciosos para uma compreensão mais plena do processo de desenvolvimento, na qual é sem dúvida inadequado adotar como nosso objetivo básico apenas a maximização da renda ou da riqueza, mas aos elementos sociais, políticos e culturais. Nessa perspectiva, acredita-se que o desenvolvimento é um processo que amplia a capacidade das pessoas e dos grupos de definir e tentar levar o tipo de vida que valoriza suas particularidades e contextos na qual estejam inseridos.

1.3. O Desenvolvimento Regional Situado

O desenvolvimento regional em linhas gerais é visto por diversos pesquisadores entre eles Boisier (1989, 1996), Furtado (1984, 2009, 2011), e Oliveira (2006) entre outros.

Porém, o desenvolvimento regional situado é estudado a partir da ideia de Hassan Zaoual (2003, 2006, 2008), na qual em sua complexidade a crise é

interpretada e fundamenta-se através de novos rumos e novas vias para a promoção do desenvolvimento. Assim a análise regional aponta a percepção das especificidades, do singular e do diferente como caminho e alternativas perante a globalização.

Desde a perspectiva destes autores, o crescimento econômico apresenta-se como importante, mas não suficiente para determinar o nível de desenvolvimento de uma população. A dimensão cultural, embora, considerada, é pouco analisada pelos autores do desenvolvimento. Entretanto, como pressuposto de que a cultura é uma das principais dimensões geradoras de diferenças no desenvolvimento. As condições de bases materiais, objetivas, não são suficientes para explicar o processo de desenvolvimento de uma nação, de um lugar.

As explicações para o desenvolvimento nos países centrais e periféricos são também de ordem subjetiva. Desde este ponto de vista, as instituições provedoras do desenvolvimento são resultantes não só de estruturas políticas e econômicas reais, mas são também o resultado dos valores culturais. Estas relações são concretizadas no cotidiano, por meio das interconexões do universo social e cultural dos indivíduos (BRASILEIRO, 2012, p.86).

Esta abordagem de desenvolvimento, com ênfase nos valores culturais, tem como base a Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento (ZAOUAL, 2003). Para este autor, o problema dos países periféricos reside na ocidentalização do mundo, imposta pelos países do Norte aos países do Sul, sem considerar a diversidade cultural, religiosa e civilizacional destes países. Assim mesmo Zaoual analisa que o paradigma econômico da civilização global, abstrato, dedutivo e dividido em especializações estanques, tem conduzido a humanidade em direção a desastres sociais e ambientais.

A noção de progresso marcou a modernidade com base no reducionismo econômico, determinando um economicismo explicativo e organizativo da sociedade sem precedente histórico anterior.

Para entender a dinâmica econômica ou social das microrregiões, ou para formular planos ou políticas de desenvolvimento local e regional, Zaoual (2008) destaca a teoria dos sítios simbólicos, como assim já foram aplicados em vários contextos.

A teoria em questão sobre o desenvolvimento regional situado aborda os fracassos das concepções econômicas que não levam em conta a complexidade, a diversidade e as contingências dos atores locais. A respectiva teoria emana da economia do desenvolvimento, na medida em que esta é um bom laboratório de estudos para os fracassos das concepções econômicas que não levam em conta a complexidade, a diversidade e as contingências dos contextos da ação dos agentes econômicos.

Utilizando a terminologia de Zaoual (2008), o desenvolvimento regional situado buscava dar lugar primordial aos sítios simbólicos de pertencimento, locais de pertencimento multidimensionais que abarcam uma variedade de aspectos relacionados à vida dos homens, tais como mitos, crenças, experiências, memórias, saberes sociais, teorias, modelos, ofícios, ações, história, entre outros.

O homem situado, *homo situs*, é aquele capaz de definir seus problemas e soluções, é aquele que é o grande especialista em sua realidade própria, é aquele que a conhece melhor do que ninguém. É aquele, portanto, que não aceita imitar modelos ou adotar utopias que não tenham sido por ele formulados ou sonhados.

Esses sítios de pertencimento possibilitam aos seus habitantes encontrar soluções individuais, comuns e locais, para seus problemas e colocar em jogo toda a sua criatividade no encontro de novos caminhos.

A proposta de (Zaoual, 2006, p.18) é a possibilidade de reconhecer a diversidade, adotar uma metodologia do saber ouvir e de acompanhar as respostas. Para isso é imperativo que se desconstrua o paradigma do mercado como o coração nervoso da globalização.

Assim, trabalhar a interdisciplinaridade e a interação entre os diferentes podem gerar novos elementos constitutivos que possibilitarão uma melhor aproximação dos “situs vivenciados” pelos homens.

Contudo, sobre a perspectiva das peculiaridades regionais ou locais mesmo sofrendo alterações são pertinentes, e ao desconsiderar a complexidade da vida em sociedade, o capitalismo da modernidade, contraditoriamente à sua própria evolução, fragilizou o motor economicista explicativo da história pretensamente global.

Nesse sentido, como ressalta Zaoual (2008) a epistemologia do pensamento global deixou de evidenciar a interconexão da vida econômica de uma sociedade como característica que define sua identidade, seus valores e suas crenças.

Entende-se que esse procedimento é prejudicial às particularidades pertinentes ao local, bem como a uma adequada gestão para a evolução do capitalismo inteligente. As frustrações no campo das expectativas do progresso linear remeteram, na segunda metade do século XX, a novas concepções de compreensão das sociedades ou dos espaços territoriais.

Essas epistemologias são denominadas pós-modernas e, por elas, o espaço passa a ser considerado não só enquanto espaço global, mas também e, por conseguinte, enquanto espaço local e regional.

A questão regional é interpretada por Furtado (2009) como uma maneira que precisa ser alterada, além dos recursos e dos instrumentos disponíveis serem insuficientes. Em primeiro lugar, a visão de que a superação das desigualdades regionais está assentada no trinômio vocação, potencialidades e redistribuição precisa ser complementada e, em alguns casos suplantadas. Há três ordens de entraves: o de concepção da questão regional, os políticos e os institucionais.

Seguindo a ordem de Furtado, é necessário que procuremos enxergar o desenvolvimento regional no contexto de cada sociedade e como um processo mais amplo do que a vertente só econômica. Assim, o desenvolvimento para o teórico Celso Furtado, é mais que um processo meramente econômico, é um processo social e cultural que exige capacidade criativa e muita iniciativa.

De acordo com essa análise, nos sítios de pertencimento descritos por Zaoual (2008) é vigente a policronia. A diferenciação entre comunidade e sociedade, é entendida como coletividade humana organizada por regras exógenas, e abordada pelo mesmo ao afirmar que o homo situs é possuidor da norma e das convenções e por isso é capaz de reformulá-las conforme novas realidades se apresentem. A noção de homo situs trata do homem aberto ao encontro dialogal com outros homens; a identidade e a afirmação do homo situs não são realizadas por ele mesmo, mas dependem dos outros homens.

Os sítios possuem também suas economias, relacionadas à experiências, ancoradas em suas realidades concretas, regidas por normas e convenções situadas e alimentadas pelo potencial criativo das pessoas. A economia do sítio,

portanto, não tem o potencial homogeneizante, unificador e globalizante da economia global de mercado.

Por fim, o modelo aponta algumas alternativas que se acredita que possam ser combinadas, para buscar conciliar a eficiência com a equidade, e que possam sustentar uma trajetória do desenvolvimento regional sustentável com maior justiça social como: respeitar as diversidades; incluir as pessoas da base, e levar em conta as peculiaridades locais e regionais e promover a participação da comunidade nas decisões das políticas públicas.

Como afirma Zaoual (2003, p.21) as pessoas sentem necessidade de crer e de se inserir em locais de pertencimento. Desde esta perspectiva, o ser humano sente necessidade de um sítio, espaço em que se ancore e se realize como pessoa.

Existe no ser humano a necessidade de ser, crer e pertencer a algo. O sítio é o espaço simbólico, com suas crenças, práticas e significados para a realização da existência humana. O sítio simbólico de pertencimento para Zaoual é singular, plural, dinâmico, flexível, completo e aberto.

A teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento para (Zaoual, 2008) analisa empiricamente o turismo a partir de uma leitura em que certo número de valores imateriais é transformado em valores econômicos.

De forma resumida, a teoria dos sítios postula que o sítio é uma cosmovisão, um espaço de crenças partilhadas que define o real, em um dado momento, bem como as concepções e as práticas de seus atores.

O conceito de Sítio Simbólico, articula suas crenças, seus conhecimentos e seus comportamentos. Nessa perspectiva um sítio é, antes de tudo, uma entidade imaterial, invisível. Ele impregna secretamente os comportamentos individuais, coletivos e todas as manifestações materiais de uma região dada (paisagem, habitat, arquitetura, saber-fazer e técnicas, utensílios, modo de coordenação e de organização econômica etc.).

Deste ponto de vista, é um patrimônio coletivo vivo que tira sua consistência do espaço vivido pelos atores. Como analisa Oliveira (2006) pensar em desenvolvimento regional implica pensar na participação da sociedade local no planejamento contínuo da ocupação do espaço e na distribuição dos frutos do processo de crescimento.

Dessa maneira a teoria de Boisier (1989), completa a idéia sugerindo que para entender o processo de desenvolvimento regional, é imperativo dar uma atenção especial a um conjunto de elementos – macroparâmetros – que delimitam o âmbito do planejamento do desenvolvimento regional em termos de sistemas de organização econômica, de estilos de desenvolvimento e dos conceitos hoje dominantes sobre o desenvolvimento econômico, cultural, político e social.

Entre os macroparâmetros destacam-se: a cultura, o entorno, os recursos, as instituições, os procedimentos e os atores envolvidos. Todos esses elementos estão inseridos dentro de um hexágono do desenvolvimento regional desenvolvido por Boisier. Ver figura 02 com o Hexágono do Desenvolvimento Regional proposto por BOISIER (1996).

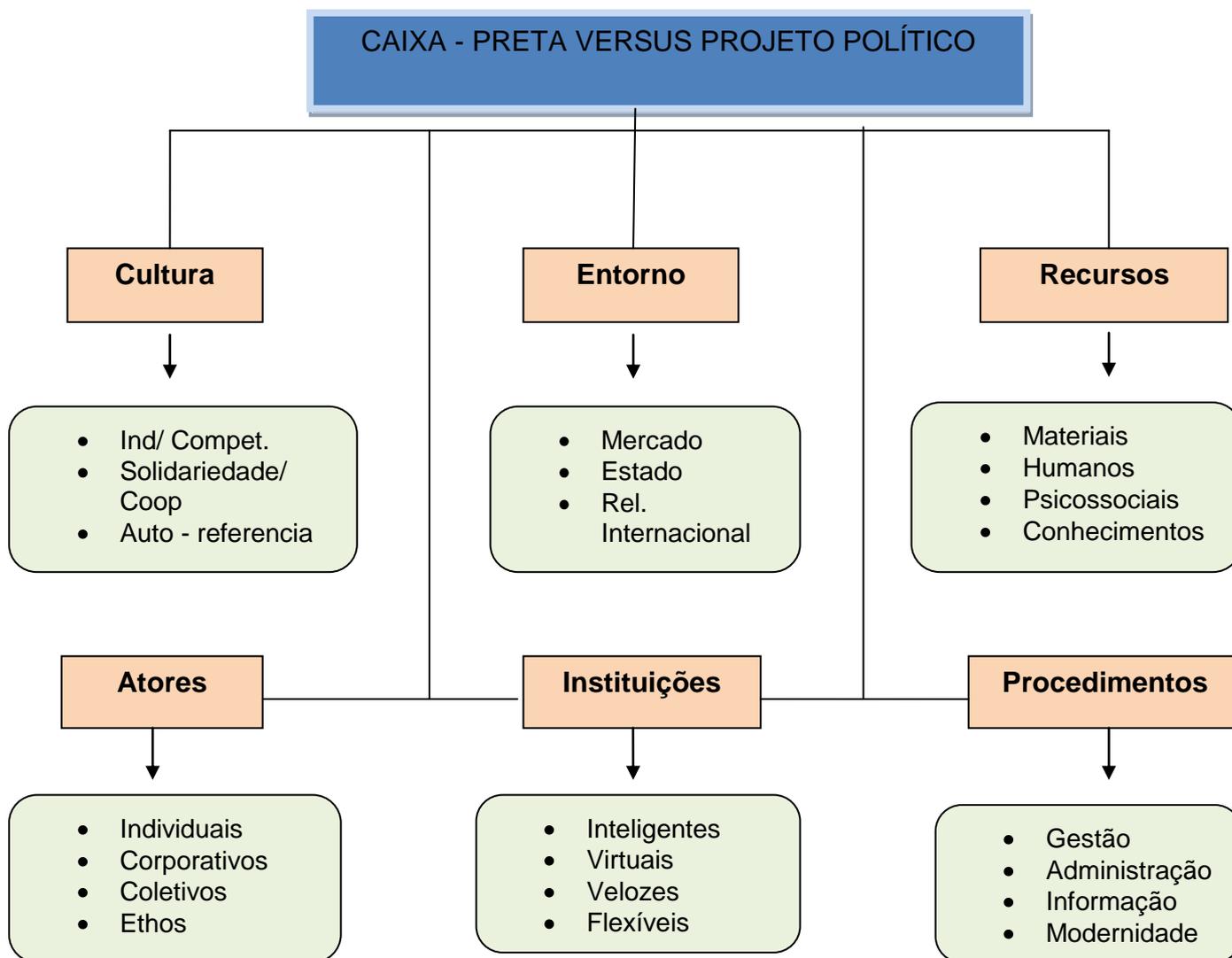


Figura 02: Hexágono do Desenvolvimento Regional (Boisier,1996)

De acordo com os estudos desenvolvidos por Boisier (1996) os novos governos regionais desejam ser atores verdadeiramente relevantes, sob o ponto de vista de um desenvolvimento racional de suas próprias regiões, e deverão assim inventar novas formas de governo que lhes permitam ter acesso a recursos de diferente natureza, mas de crescente importância para o desenvolvimento.

Dessa maneira foi destacado que o desenvolvimento regional depende da conciliação das políticas, que impulsionam o crescimento, com os seus objetivos locais, levando assim a efeitos positivos, ou seja, o desenvolvimento para a região. Por isso, é que a região não pode ser vista apenas só como um fator geográfico, mas como um ator social, como elemento vivo do processo de planejamento e desenvolvimento.

No final do século XX, após os repetidos fracassos de modelos de projetos de desenvolvimento em países do Sul ou de Terceiro Mundo, houve um retorno ou um voltar-se para a valorização dos aspectos sociais que durante o predomínio dos modelos da modernidade foram “esquecidos”, a exemplo da cultura enquanto diversidade.

Projetos de desenvolvimento centrados somente no econômico mostraram-se produtores de endividamentos e pobreza. No entanto, ficou claro para a humanidade que, ante a diversidade, não pode haver um modelo único de desenvolvimento. As imposições de projetos não surtiram efeitos de desenvolvimento, é dessa maneira que Zaoual (2003) destaca que nos países do sul, na maioria das vezes, o que tem sido percebido e auxiliado de fora para dentro simplesmente não funciona, ao passo que as organizações espontâneas da economia ‘informal’ funcionam em sintonia com as necessidades dos meios sociais envolvidos.

Evidencia-se, dessa forma a necessidade de valorização das potencialidades dos atores locais e regionais em meio ao processo de mundialização das economias, o que requer novas abordagens, de tal forma que “a tensão entre a ascensão da mundialização das economias, de um lado, e a volta às identidades e aos territórios, de outro, desempenha papel fundamental nessa decomposição-recomposição do pensamento social” (ZAOUAL, 2003, p.27).

O que significa que as contingências de cada meio, a idéia de pertencimento (que não se fecha em si mesmo, mas que se relaciona com os demais, sendo resultado de múltiplas contingências), o ser social (que pensa e age num processo

de movimento, de dinâmica), que definem o hibridismo cultural, são condições essenciais a serem consideradas para que um projeto de desenvolvimento aconteça. Sob essa perspectiva, o desenvolvimento requer uma abordagem multidisciplinar, intercultural e regional.

Boisier (1996) enfatiza em seus estudos que os novos governos regionais desejam ser atores verdadeiramente relevantes, sob o ponto de vista de um desenvolvimento racional de suas próprias regiões, e deverão assim inventar novas formas de governo que lhes permitam ter acesso a recursos de diferente natureza, mas de crescente importância para o desenvolvimento.

A busca do desenvolvimento regional situado é uma construção humana e constitui parte do indivíduo, da coletividade, e, de modo mais amplo, das sociedades. Tentar negar o processo de desenvolvimento é impossível, pois o homem é, por si e por suas características, social e dinâmico.

O que muda na percepção do desenvolvimento vai além da questão temporal, linear e de progresso enfatizado pela modernidade. O desenvolvimento consubstancia-se, contemporaneamente, numa noção aberta às contingências, sai da escala global e assume novas articulações entre a escala regional e local.

Completa-se a identificação dos elementos adequados aos objetivos deste trabalho com a abordagem da dimensão cultural do turismo no capítulo 2. Esses elementos compõem o modelo de análise do turismo como propulsor do desenvolvimento regional. Para a contextualização geográfica regional é preciso entretanto, identificar os elementos que justificam a delimitação cultural, cuja abordagem é o referencial teórico do desenvolvimento turístico cultural do capítulo a seguir.

2. TURISMO CULTURAL COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO

O turismo e a cultura estão intimamente associados, pois para que haja deslocamento e desenvolvimento turístico em uma localidade, é necessário que estejam vinculados aos atrativos que contenham tais particularidades. As conexões entre turismo e cultura vêm historicizando os espaços, marcando épocas, construindo cenários e contribuindo para o desenvolvimento de uma região. Assim a cultura é parte da sociedade, mola propulsora do conhecimento e da forma de agir de uma comunidade.

O foco cultural voltado a atividade do turismo passa a apresentar-se como ferramenta desenvolvimentista que abrange as várias faces do homem enquanto cidadão (face econômica, política, social, cultural) implicando políticas valorizadoras de ações culturais para atingir o desenvolvimento de uma região.

A cultura nesta perspectiva, passa a ser utilizada como recurso para a atividade turística e como indutora no processo de desenvolvimento, tendo que contemplar sua possibilidade de transformação social no modelo desenvolvimentista que o país precisa, requisitado e discutido pelo setor público, setor privado e os representantes da sociedade.

A relação cultura e turismo apresenta-se como instrumento desenvolvimentista, e que cada vez mais são necessários projetos que materializem-se em cada região, respeitando a identidade cultural e a inclusão social dos agentes envolvidos no processo de desenvolvimento, para que assim o fenômeno turístico revele-se como alternativa para o desenvolvimento socio – econômico da nação como forma de diminuir ou amenizar as disparidades econômicas e sociais existentes na sociedade.

No entanto, estabelecer ações de desenvolvimento para o turismo cultural, é necessário que participe a comunidade e as representações sociais envolvidas, para que se possa proceder a uma adequada promoção da localidade e criar assim condições de propiciar um desenvolvimento que seja harmônico e equilibrado a atividade turística cultural.

É nesse contexto, que surge como solução para a dinamização da economia do país, a instalação de novos segmentos produtivos, sendo assim uma década marcada pelo início de uma articulação entre turismo e novas formas de

desenvolvimento da atividade. É nessa perspectiva, que o respectivo capítulo vem abordar o turismo e a cultura como fator de desenvolvimento, em destaque para a cultura como indutora do desenvolvimento, e o turismo como indução do desenvolvimento.

2.1. A cultura como indutora do desenvolvimento

Cultura é um termo polissêmico, mas no entanto revela uma percepção da diversidade dos modos de vida, dos costumes, dos símbolos ou das práticas que os seres humanos utilizam e praticam em sociedade.

Ao tentar explicar o conceito de cultura, existem diversos pontos de partida para se discutir esse conceito. Sobre essa questão se faz compreender por diversas vertentes, como o raciocínio antropológico (o qual diferencia o homem do animal), o etnográfico (característico de uma nação com suas particularidades), humanista (advinda da criatividade presente na música, nas artes, na filosofia), científico (conhecimento especializado da ciência) e de massas (tradições culturais humanistas divulgada por veículo de comunicação de massa).

A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário precisa ser explicada (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 13). A cultura também por outro lado, pode ser considerada como sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, como parte do cotidiano das relações sociais de uma sociedade de classes, na qual a produção cultural está vinculada e associadas.

De acordo com (CARVALHO e NÓBREGA, 2012) a partir da década de 1980, houve uma quebra contundente nos entendimentos da cultura expressar o conservacionismo, passando a ser reconhecida como fator indispensável para o aprimoramento humano, a coesão social, a diminuição das desigualdades, o progresso educacional por intermédio de iniciativas de grandes organismos internacionais de apoio ao desenvolvimento, caso da ONU (Organização das Nações Unidas) que inclui a questão no seu conhecido Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD), Organização Internacional do Trabalho (OIT), entre outros.

Todos entenderam que a cultura deveria integrar seus projetos de inclusão social em todos os países, em particular os menos desenvolvidos, principalmente por objetivar contra as populações locais como agentes ativos, elementos atuantes nas ações concretas em favor de seu próprio desenvolvimento.

Na perspectiva de Hall (2013) três paradigmas são identificados com relação ao desenvolvimento dos estudos culturais. O primeiro é o que sucede a Lévi – Strauss, o mesmo é um seguimento lógico, mais do que temporal: a primeira semiótica e os termos do paradigma lingüístico, e o centramento sobre as “práticas significativas”, movimentando-se através de conceitos psicanalíticos e Lacan até um recentramento radical de todo o terreno dos Estudos Culturais em torno dos termos, discurso e o sujeito.

Uma segunda perspectiva de desenvolvimento é a tentativa de retorno aos termos de uma economia política de cultura mais clássicas. Essa posição insiste que os processos econômicos e as estruturas de produção cultural são mais significantes do que seu aspecto cultural-ideológico e que estes são um tanto adequadamente apreendidos na terminologia mais clássica do lucro, exploração, mais-valia e a análise da cultura como mercadoria. Já a terceira posição está intimamente relacionada à iniciativa estruturalista, mas seguiu o caminho da “diferença” até a heterogeneidade radical.

De acordo com os estudos desenvolvidos por Geertz (2008) o conceito de cultura é essencialmente semiótico.

Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado à teias de significado que ele mesmo teceu, assumindo assim a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 4).

O teórico Geertz destaca em sua análise que a cultura é em parte controladora do comportamento em sociedade, e ao mesmo tempo cria e recria este comportamento, devido ao seu conteúdo ideológico, impossível de ser esvaziado de significado, já que toda cultura possui uma ideologia que o embasa. Nessa perspectiva o arbitrário cultural é o elemento mediador da apreensão dos signos e significados presentes em uma cultura.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual possam ser atribuídos casualmente aos acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições e os processos. Ela está dentro de um contexto, ou seja, existe algo do qual eles podem ser descritos com densidade.

Para Geertz (2008) é importante aprofundar a busca pelas particularidades, e as condições de entendimento das culturas localizadas. O mesmo se dedica a realizar uma análise antropológica das dimensões culturais da política, da religião e dos costumes sociais.

No âmbito desses estudos, percebe-se que como forma estruturante na organização das sociedades, está a cultura. Definida como um sistema cultural de organização (e controle) das coletividades, sistema este pautado em um mecanismo de apreensão do poder por meio da posse dos signos de poder (por parte dos que controlam as altas esferas sociais) e da submissão dos membros de uma comunidade política a tais signos.

Uma das características mais novas que a atual des-ordem planetária manifesta é aquela que se refere ao grande valor dado à dimensão cultural da sociedade. O sociólogo Manuel Castells chegou a sugerir que, por trás de todas as alterações no contexto econômico e político da humanidade, o que realmente permanecia era a cultura dos povos, suas religiões, seus símbolos, enfim, sua identidade (HAESBAERT, 2006).

Como estudioso da área Bauman (2012) esclarece que em função de circunstâncias históricas não muito relevantes para o nosso tema, o termo “cultura” foi incorporado a três *univers* Du *discours* distintos. Em cada um dos três contextos ele organiza um campo semântico diverso, singulariza e denota diferentes conjuntos de questões cognitivas e estratégias de pesquisa.

No primeiro contexto, o autor vê a cultura como conceito hierárquico, herdada ou adquirida. A cultura é dessa maneira parte separável do ser humano, é uma propriedade de tipo muito peculiar, sem dúvida alguma ela partilha com a personalidade a qualidade singular de ser ao mesmo tempo a essência definidora e a característica existencial descritiva da criatura humana.

A qualidade de um ser humano pode ser moldada e adaptada, mas também é possível ser abandonada, nua e crua, como uma terra inculta, largada e cada vez mais selvagem. A noção hierárquica da cultura é saturada de valor. A expressão

indica, contudo (para qualquer pessoa treinada nas preocupações descritivas da antropologia pós-boasiana), apenas assumir uma posição tendenciosa na conhecida discussão a respeito da comparabilidade e/ou relatividade das soluções culturais.

No segundo contexto, de acordo com Bauman (2012) a cultura é vista como um conceito diferencial, é empregada para explicar as diferenças visíveis entre comunidades de pessoas (temporária, ecológica ou socialmente discriminada). Enquanto que o terceiro contexto, é de um conceito mais genérico de cultura, onde a mesma alimenta-se de partes subestimadas e não declaradas de seu correlativo diferencial.

Do ponto de vista conceitual, a diferenciação cultural não se choca com o pressuposto da unidade pré-cultural. A noção genérica é assim, construída em torno da dicotomia mundo humano-mundo natural. Assim, o conceito genérico tem a ver com os atributos que unem a espécie humana ao distingui-la de tudo o mais, tem a ver com as fronteiras entre os homens.

Para compreendermos o processo da cultura Hall (2013) nos explica que a mesma não é uma prática, nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares [folkways]” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologias. Mas a mesma está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. Desse modo, a questão do que e como ela é estudada se resolve por si mesma.

A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – dentro de identidades e correspondências inesperadas, assim como em descontinuidades de tipos inesperados – dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais. A análise da cultura é, portanto, a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos.

O hibridismo cultural, para muitos é uma marca fundamental do mundo pós-moderno, é na verdade um processo muito mais antigo e num raciocínio extremo, trata-se mesmo de uma propriedade inerente a todo processo cultural, pois não há cultura sem mescla de identidades, toda cultura brota do intercâmbio e da mescla entre distintas identidades e valores culturais previamente dominantes em outras culturas.

A América Latina é o caso talvez mais “híbrido” dos continentes, onde um dos melhores exemplos de ‘territorialidades híbridas’ foi aquele moldado no violento cenário colonial a partir da interpretação de culturas indígenas, ibéricas, africanas, hindus (no Caribe e Guiana) e itálico-germânicas (especialmente no chamado Cone Sul) (HAESBAERT, 2006, p.89).

Assim para Haesbaert (2006) na América Latina, podemos dizer, que o hibridismo cultural não é simplesmente sinônimo de desterritorialização, de desenraizamento, mas a forma encontrada, principalmente pelos povos subjugados, de se reterritorializar, reconstruir de algum modo, seus territórios.

Estudar processos culturais, por isso, mais do que levar-nos a afirmar identidades auto-suficientes, serve para conhecer formas de situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações (CANCLINI, 2006, p.24).

No entanto, o hibridismo antes de ser um processo homogêneo, ele é vivido de formas profundamente diferenciadas de acordo com a classe, o grupo social, a etnia ou até mesmo o gênero.

Canclini (2006) entende por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

. Nessa perspectiva, faz-se importante destacar a cultura como um termo de diversos significados quantos são os autores e atores chamados a defini-lo. Assim sendo o desenvolvimento caracterizado como um termo polissêmico, que tem como termos, o crescimento, progresso, e um dos mais recentes, a sustentabilidade, o humano, o social e cultural.

No entanto, essa associação entre desenvolvimento e cultura é bem recente, em virtude das questões culturais serem consideradas em função de expressarem suas diferenças entre os povos, usos, costumes, tradições, relações sociais, conhecimento técnico-científico, entre outras manifestações.

A cultura e o desenvolvimento, apresentam avanços em particular pelo seu respeito à diversidade cultural, fruto do período vivenciado através da globalização, em função da sua lógica de mercado, em um campo uniforme comum a todos.

Dentre as dificuldades encontradas entre a relação da cultura com o desenvolvimento, destaca-se o problema em enfrentar um pluralismo ideológico do

campo da cultura evitando o comércio; economicismo das teorias do desenvolvimento; incipiência do campo (abordagens, métodos e materiais).

Podemos compreender então, que a cultura é sociedade, é estar com o outro, é partir, é dividir. A cultura é interpretada através de uma construção histórica, dinâmica, material e plural, ela é apreendida e difundida socialmente em um território.

Porém as medidas voltadas a cultura e ao desenvolvimento, promovem o aprimoramento educacional das comunidades e resgatam seus valores em escalas de identidades locais, conforme os referenciais simbólicos que estão relacionados a diversidade e as metas a serem alcançadas entre as políticas públicas e os agentes dos diversos setores interessados na causa, conforme as diretrizes da economia da cultura, area em que o turismo tem como um vetor de alto potencial.

2.2. O Turismo como indução do desenvolvimento

Refletir sobre o turismo na contemporaneidade é tarefa extremamente complexa. Ao se enquadrar na lógica do capitalismo globalizado, esta prática espacial passa por transformações tão profundas que, a não ser pelo caráter do deslocamento, invariavelmente relacionado ao uso do tempo livre, em pouco se parece com as características antes verificadas de produção e consumo dos espaços apropriados para tal finalidade. De acordo com Sampaio (2005) a atividade turística pode ser vista além da sua dimensão econômica (negócio do ócio), ela deve agregar outras dimensões, podendo transforma-se em uma estratégia alternativa de um desenvolvimento mais sustentável, balizados nos princípios da socioeconomia.

Até o início da Segunda Guerra Mundial, nos períodos de paz, o turismo era um privilégio das classes mais abastadas e os destinos existiam em número bastante restrito. No atual momento da História, quando a presença do mercado se faz de modo absoluto, a popularização crescente da prática se associa à multiplicação das formas de acessos e dos lugares onde se pode visitar, criando um quadro inteiramente novo e apenas parcialmente compreendido da realidade vigente.

A partir da perspectiva de Dias (2008) podemos identificar como marco no processo de surgimento do turismo moderno as viagens empreendidas nos séculos XVII e XVIII, principalmente por jovens ingleses, cujo objetivo era servir de aprendizado e alcançar maior enriquecimento cultural. Podemos considerar a Revolução Industrial do século XVIII, na Inglaterra, como o acontecimento mais importante na transformação geral do conceito de viagens.

Do ponto de vista da gestão pública, ainda no final da década de 1950, foi criada a Companhia Brasileira de Turismo, substituída posteriormente pela Embratur, autarquia vinculada ao Ministério do Turismo (MTB), que tem como objetivo implementar a Política Nacional do Turismo – PNT.

No Brasil, vários fatores foram responsáveis pelo incremento do turismo nas últimas décadas, entre eles (SCHUSSEL, 2012) destaca o aumento da renda da população, o crescimento das companhias aéreas, ampliação da infraestrutura viária e dos serviços ligados ao turismo.

A década de 1990 marcou o início de um período de grandes investimentos públicos em infraestrutura turística no Brasil. Tendo como foco o incremento no número de visitantes internacionais e nacionais. O governo federal em parceria com o poder executivo das unidades federativas e com entidades supranacionais de fomento, lançou políticas regionais que visavam induzir novos investimentos privados em turismo, entre os quais, criado em 1994, se destacou Prodetur-NE (Programa para o Desenvolvimento do Turismo na Região Nordeste).

Para terem acesso ao programa, os governos estaduais nordestinos receberam o encargo de produzir propostas para aplicação de recursos provenientes da parceria entre bancos internacionais de desenvolvimento e a entidade estatal de fomento denominada BNB (Banco do Nordeste do Brasil).

Tais propostas deveriam estar alinhadas, por sua vez aos projetos de regionalização do turismo em cada um dos nove estados federados, em cujas bases foram gestadas propostas de articulação urbano-regional da atividade turística a partir da criação de destinos-âncoras, ou seja, a transformação de determinadas nucleações urbanas em localizações apropriadas à permanência e/ou dispersão de visitantes.

A flexibilização e diversificação do mercado turístico tem permitido o surgimento de um espaço heterogêneo, marcado pela emergência de novos usos,

como turismo de natureza, visitas aos sítios arqueológicos e a paisagens e grupos sob influência de culturas ancestrais, entre outras novas modalidades da prática turística, o que denota o caráter pós-fordista do turismo.

Medina (2012) destaca o turismo como sendo um conjunto de realidades múltiplas, produto das ações dos agentes que participam entre o passado e de agentes que participam no presente em uma reconstrução do fenômeno turístico.

A importância dada ao turismo como ponte para o crescimento econômico e desenvolvimento de uma sociedade é de grande relevância. Dessa maneira é que o turismo constitui-se cada vez mais numa necessidade fundamental do ser humano, incorporando-se como uma das variáveis que medem sua qualidade de vida. Porém, seja qual for sua categoria social o turismo hoje se insere como uma necessidade do homem contemporâneo.

Como argumenta Brasileiro (2012) o turismo, desde esta perspectiva de desenvolvimento, apresenta-se como uma possibilidade para a tomada de consciência, dos turistas e autóctones, como agentes sociais.

O desenvolvimento e o turismo têm por objetivo o desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que é uma ferramenta da população num processo de transformação social. Nessa perspectiva,

o desafio atual está na ressignificação, em um novo pensar sobre o desenvolvimento, o lugar e o turismo. Novos modelos de desenvolvimento serão adotados e os aspectos culturais, como forma de ser, sentir e de viver de um povo no mundo, serão um dos eixos do desenvolvimento, pensado para o ser humano, seja este um turista ou autóctone. O turismo, desde este paradigma é, portanto, uma atividade estimuladora de experiências e vivências das capacidades humanas (BRASILEIRO, 2012, p.95).

A evolução das relações entre turismo e desenvolvimento tem um reflexo nas diversas declarações e documentos patrocinados por organizações internacionais, entre as quais se destacam a Organização Mundial do Turismo (OMT) e o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (World Travel & Tourism Council – WTTC). Entre os documentos mais importantes, destacam-se:

- a) Declaração de Manila sobre o Turismo Mundial (1980);
- b) Declaração de Direitos e Código do Turista de Sófia (1985);
- c) Declaração de Turismo de Haya (1989);

- d) Carta do Turismo Sustentável de Lanzarote (1995);
- e) Agenda 21 para o setor de viagens e Turismo (1993);
- f) Código Ético Mundial para o Turismo de Santiago do Chile (1999).

Estes são para Dias (2008) documentos nos quais se observa uma paulatina transição desde o predomínio dos aspectos econômicos, culturais e ambientais do turismo ao paradigma socioculturais e sustentabilidade.

Assim, se faz de fundamental importância o estabelecimento das políticas culturais para trazer benefícios de diversas ordens ao turismo baseadas no estímulo e resgate da cultura local e regional, valorizando, os hábitos e costumes das comunidades, no incentivo a preservação do patrimônio histórico, assim como revalorização da gastronomia, do folclore e das tradições das localidades e regiões em uma forma de contribuir para fomentar o desenvolvimento turístico cultural às populações locais e regionais.

O foco colocado no turismo é visto por Sampaio (2005) como fenômeno humano e justifica-se pela necessidade de se levar em conta os interesses das comunidades receptoras no momento de se tomar decisões sobre diretrizes de políticas. É nessa perspectiva, que os estudos desenvolvidos por Dias (2002), destaca que o desenvolvimento da oferta turística ocorre não só devido à participação governamental, mas também com a participação da iniciativa privada e da comunidade local. As localidades com potencial turístico podem almejar desenvolvimento social e econômico, desde que haja um planejamento e investimentos adequados para que possam atrair a demanda.

Podemos considerar o fenômeno do turismo como uma realidade complexa desde um dado ponto de vista: por um lado o turista é construído por uma complexidade sistêmica (diversidade de agentes) e uma complexidade fenomenológica (diversidade de interpretações). Por outro lado, o turismo apresenta uma dimensão simbólica expressada em distintas interpretações socialmente construídas sobre uma realidade material, e outras vezes uma dimensão material, em forma de produtos sedimentados e nos espaços turísticos, que forem construídos a partir das interpretações de distintos agentes ao longo da história (MEDINA, 2012, p.25).

Por mais que seja antiga a natureza cultural do turismo, a ligação entre turismo e cultura é relativamente recente e muito mais o conceito de turismo cultural, porém não pode existir turismo sem cultura, pois o turismo é uma expressão cultural.

Assim o patrimônio cultural, enquanto reflexo e produto da dinâmica social, na qual estabelece vínculos de tempo – realidade e espaço temporal entre os grupos sociais são testemunho da diversidade das experiências humanas, memórias e identidades plurais.

Como argumenta Carlos (1999) o marco mais recente da política de desenvolvimento do turismo foi no governo Collor, em 1992. Sabemos que foi um momento de esgotamento nacional do desenvolvimentismo e das pressões ambientalistas como a Rio – 92. Esta foi a época em que foram promulgadas todas estas novas regulações para a política do turismo e que se implantou então uma nova política nacional do turismo no Brasil em 1992.

Essa política tinha como objetivo fortalecer a idéia do turismo como fator de desenvolvimento que foi fundada não só no discurso, mas na prática, com a descentralização. Descentralização esta no sentido de que a Embratur deixa de ser a executora do turismo. Porém o marco desta política do turismo e o papel do governo federal são deferidos, como coordenador e indutor das atividades.

No entanto, uma das constatações dos que defendem o turismo como aporte para o desenvolvimento é que, no mundo globalizado a atividade se destaca pelo fato de ainda necessitar de mão-de-obra. O turismo ganhou força econômica há pouco mais de duas décadas pela capacidade de ampliar as opções de trabalho e renda familiar, e reduzir problemas sociais, como o êxodo rural nos grandes centros urbanos.

As atividades turísticas são no entanto vistas por Coriolano (2012) como sendo um dos vetores do desenvolvimento econômico da sociedade. É então nessa perspectiva que o turismo se destaca por ser contemporaneamente um dos produtos mais significativos do comércio mundial, sendo a produção de serviços uma das principais ferramentas de que dispões os países para ser competitivo na esfera internacional.

Contemporaneamente, o turismo é visto (CORIOLANO e SAMPAIO, 2012, pg.54) como um dos produtos mais significativos do comércio mundial, sendo a

produção de serviços uma das principais ferramentas de que dispõem os países para serem competitivos na esfera internacional.

No fenômeno do turismo, esta complexidade sistêmica se pode observar em uma diversidade de agentes que participam desse processo: agentes globais como as instituições internacionais (UNESCO, Organização Mundial do Turismo, etc); instituições federais, estaduais e locais (MEDINA, 2012, p.26).

A atividade turística é uma das estratégias adotadas pelos agentes locais e regionais, situados num território, para o desenvolvimento. Assim, o turismo de base cultural tem-se constituído em uma das estratégias para o desenvolvimento de localidades que possuem atrativos que possam interessar a um visitante, motivando-o a se deslocar da sua residência até o encontro com os elementos culturais em um determinado local. Essa experiência poderia ser uma forma de conviver com o passado, de conhecer um patrimônio, de resgatar fatos históricos, culturais, costumes, tradições e crenças.

2.3. Turismo cultural no desenvolvimento do território

No Brasil o turismo é um segmento expressivo devido as suas variadas características, sendo o turismo cultural de grande relevância. Esse tipo de turismo encontra-se para Dias (2002) como um dos principais segmentos do turismo, e de modo geral pode ser associado com outras atividades turísticas.

O turismo cultural pode ser considerado como uma atividade de lazer educacional que contribui para aumentar a consciência do visitante e sua apreciação da cultura local em todos os seus aspectos – históricos, artísticos, culturais, ambientais, etc. E além disso, é uma forma de turismo que, entre outros objetivos, envolve a apreciação de monumentos e sítios históricos, contribuindo dessa forma para a manutenção e proteção do patrimônio cultural e natural da humanidade.

De acordo com (BRASILEIRO, 2012) as paisagens e a cultura do lugar se transformam em produto turístico. Dentro de um mosaico de culturas proporcionado pela atividade turística, a trajetória histórica, cultural e ambiental do lugar, mais que produto turístico, é uma relação de intercâmbio de natureza simbólica.

O turismo, é assim compreendido nas manifestações culturais, firmado no lugar, no espaço, no território, na paisagem e na região. Considerando o patrimônio e o valor das culturas locais, o turismo deve reconhecer e respeitar o patrimônio histórico-cultural das regiões receptoras e ser planejado, implementado e gerenciado a suas tradições e valores culturais.

Dessa forma o desenvolvimento turístico, deve ser baseado em um equilíbrio entre a preservação do patrimônio natural e cultural, a viabilidade econômica do turismo e a equidade social do desenvolvimento (DIAS, 2008).

A produção do turismo cultural está impulsionada de acordo com Pérez (2009) por empresas, sociedade civil e políticas estatais, regionais e locais que integram o local na economia e nas políticas globais.

Para Warnier (2003) as políticas culturais estão baseadas em três constatações: economia, mídia e o patrimônio herdado do passado. Na economia se tem as indústrias culturais como seu importante ramo, assim como o patrimônio cultural, em forma de museus, de monumentos, de locais históricos, de paisagens e, evidentemente, uma dimensão da identidade, mas também pode ser um importante potencial turístico.

Debater o desenvolvimento econômico-territorial provocado pelo turismo poderá introduzir um novo significado na análise de uma atividade complexa e, atualmente, com grande expansão para a produção de novos territórios destinados a esta atividade, principalmente dos governos federal, estaduais e municipais. O turismo, num processo crescente de novas formas de territorialidade, contribui para uma mudança, ampliando a mobilidade urbana e regional.

A relação entre cultura e desenvolvimento passa a ser um dos pontos centrais da agenda contemporânea, sendo assim, a cultura uma dimensão estratégica do processo de desenvolvimento em um dado território.

A noção de desenvolvimento vem evoluindo nos últimos tempos, na qual é considerado como um fenômeno endógeno e multidimensional, e é dessa maneira que sua proliferação é dada através de políticas públicas governamentais, empresas e organizações da sociedade civil.

O turismo cultural participa de um processo de reconstrução da realidade local, a demandar espaços de alto conteúdo histórico – simbólico. O processo de reconstrução material do espaço turístico pode ser entendido a partir das

concepções de sistemas de lugares funcionais e grupos geográficos – sociais de comportamento (MEDINA, 2012, p.35).

Podemos observar nesse âmbito, que o turismo enquanto atividade é indutora de profundas transformações no espaço geográfico, no entanto ao se apropriar/dominar o espaço, o turismo territorializa-o numa relação de poder imposta pelo capital, sendo capaz de provocar (des) territorialização e (re) territorialização no espaço.

Nessa perspectiva o território turístico se formará através de uma prática social e uma rede de interesses e exercício de poder que envolvem os fatores sociais, políticos e econômicos dos atores envolvidos como empresários, instituições, população local, que almejam o desenvolvimento local/regional com a inserção do turismo.

Como destaca Saquet (2010) o território retrata natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade.

Dessa forma, o território significa as formas (naturais e artificiais), relações sociais, fixos e fluxos, é assim, um produto histórico modelado e formado por cada sociedade, com uma certa configuração. No entanto, compreender o processo de reconstrução do turismo requer incorporar a interpretação dos distintos agentes, seus marcos referenciais, seus objetivos e estratégias elaboradas e as ações realizadas.

Sendo assim, é importante entendermos que os agentes que participam de um processo de desenvolvimento turístico reflete sobre o contexto de recursos, normas e regras que delimitam suas ações, como também as reflexões sobre seus marcos de referências para análise do contexto das interpretações que há de ser estratégias dos outros agentes, redefinindo sua representação no contexto e redefinindo suas estratégias e objetivos (MEDINA, 2012, p.30-31).

É necessário através do turismo cultural, criar espaços ou meios que possibilitem a sua apresentação ao público e oferecer demandas de financiamentos e programas/projetos de estímulo ao desenvolvimento dessa prática. O desenvolvimento é, porém antes de tudo um espaço endógeno baseado na

autoconfiança, regulado por instituições e regras, e que a ação econômica é uma forma de ação social.

No entanto, é de fundamental importância olhar o território em suas dimensões física, ambiental, socioeconômica, política – organizativa e simbólica – cultural, pois a partir dessa necessidade de proteção e de promoção da diversidade cultural, é que são enfatizadas as riquezas simbólicas e as riquezas materiais.

O território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Porém, esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando (HAESBAERT, 2011).

O território visto como localização num espaço físico, é antes de tudo visto como um espaço concreto em que se produzem ou se fixam os processos sociais. O território é visto como fonte de identificação cultural, referencia simbólica que perde sentido e se transforma muitas vezes em um “não-lugar”.

Haesbaert (2011) ainda destaca que o território tem um sentido mais amplo que região, pois envolve as múltiplas formas de apropriação do espaço, nas diversas escalas espaço-temporais. Enquanto que para Santos (2012) o território é formado por frações funcionais diversas e sua funcionalidade depende de demandas de vários níveis, desde o local até o mundial.

Território é assim um fundamental instrumento da racionalidade social, um instrumento social que integra tanto sua dimensão concreta, político-econômica mais tradicional, quanto a sua dimensão simbólica-cultural-identitária e de dominação e apropriação do espaço. A demarcação territorial de uma região é em certo sentido, a vida, o pulsar da sociedade através destes espaços.

O turismo coloca-se hoje como um poderoso instrumento de desenvolvimento, e, como tal, pode e deve participar ativamente de qualquer estratégia de desenvolvimento sustentável (DIAS, 2008). É dessa maneira que o desenvolvimento turístico devesse fundamentar-se sobre critérios de sustentabilidade, ou seja, preservar o território, o ecossistema em longo prazo, e procurar torná-lo viável economicamente e ser equitativo do ponto de vista ético e social para as comunidades locais.

Para (MEDINA, 2012) turismo é esse conjunto de agentes que apresentam distintas interpretações da realidade e contribui para a reconstrução das identidades culturais de forma complexa. Nessa concepção, desenvolver o turismo cultural é saber lidar como um fenômeno socioeconômico, pelo qual é importante conhecer a parceria envolvida. Nessa missão o primeiro desafio é o conceito de turismo cultural, devido a diversidade e mudanças nas definições de cultura.

Vale compreender que cultura é uma das dimensões geradoras de desenvolvimento, principalmente quando analisada a partir da perspectiva do turismo. É com relação a esse turismo, que os atrativos culturais devem ter um aproveitamento turístico significativo e relevante com a importância da cultura para com o desenvolvimento local e regional.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AÇÕES DE TRASCENDÊNCIA ESPACIAL

As representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tornam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social. Quando estudamos as representações sociais, estudamos o ser humano, enquanto o mesmo faz perguntas e procura respostas ou pensa, ou seja, enquanto seu objetivo não é comportar-se, mas compreender.

3.1. A construção social do espaço turístico

O turismo é uma das atividades econômicas mais importantes e relevantes para o Estado, principalmente pelo seu significado para o mercado de trabalho, contribuindo assim, de forma decisiva para o processo de reprodução social, e uma excelente alternativa de geração de emprego e renda. Na realidade, o turismo é um fenômeno sociocultural que pode ser abordado de distintos pontos de vista.

O turismo se dá em um espaço histórico e geográfico e está inserido nesse processo de formação e transformação constante, arena onde se delineiam as relações de poder e ocorrem os conflitos. Assim, o turismo, também transforma o espaço, se apropria e o adapta para esta atividade.

Como parte das representações sociais do espaço, a atividade turística é um elemento de grande crescimento no território, e vem repercutir na vida econômica, social e cultural das áreas receptoras no ambiente, gerando impactos de qualidade e quantidade diversos, na qual se vem colocando nos últimos tempos, o turismo como tema e fator prioritário na pauta de preocupações de planejadores, acadêmicos e gestores de políticas públicas, interessados na temática.

De acordo com estudos elaborados por Camargo (2002) é importante destacar que,

para que haja o pleno desenvolvimento do turismo cultural em uma determinada região, a população local enquanto agente produtora do patrimônio deve ser conscientizadora sobre a importância dos bens culturais como suportes de memória, de continuidade de práticas socioculturais e enquanto fatores de desenvolvimento econômico (p. 69).

O turismo sendo assim, entendido como fenômeno econômico-político-cultural mais significativo da sociedade contemporânea, ocupa hoje um papel relevante na economia mundial, situando-se entre os três maiores produtos geradores de riqueza, além de construir uma prática social que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo.

O espaço turístico preocupa-se com suas especificidades, na qual identifica – se através de sua valorização cultural, prática social, e sua divisão social e territorial do trabalho, onde seu lugar é entendido em uma relação entre objetos (fixos) e ações interpessoais (fluxos) de forma dialética e transformadora. Será importante então, estimular em todo o mundo a necessidade do planejamento e da gestão das atividades turísticas voltadas à sustentabilidade, cuidados com os limites do meio natural e atento as comunidades receptoras e de turistas.

Em trabalhos desenvolvidos por SANTOS (2012) os elementos (variáveis), na qual compõem o espaço são: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas, que estão em relação e se articulando uns com os outros. O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade.

O espaço é o resultado da geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, e não dos efeitos de uma variável isolada (SANTOS, 2012). Espaço é, no entanto, o meio, o lugar material da possibilidade de eventos.

Para Carlos (2011) o espaço, enquanto construção intelectual e enquanto realidade real e concreta, ou seja, enquanto materialidade (objetividade) e representação (subjetividade), tal qual tratado pela Geografia, requer explicação.

O espaço como produção emerge da história da relação do homem com a natureza, processo no qual o homem se produz enquanto ser genérico numa natureza apropriada e condição de nova produção (CARLOS, 2011, p.64).

O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (SANTOS, 2008). Dessa maneira considerando como um todo, o espaço é teatro de fluxos com diferentes níveis, intensidades e orientações.

A figura 03 vem mostrar o espaço com seus respectivos elementos e suas finalidades.

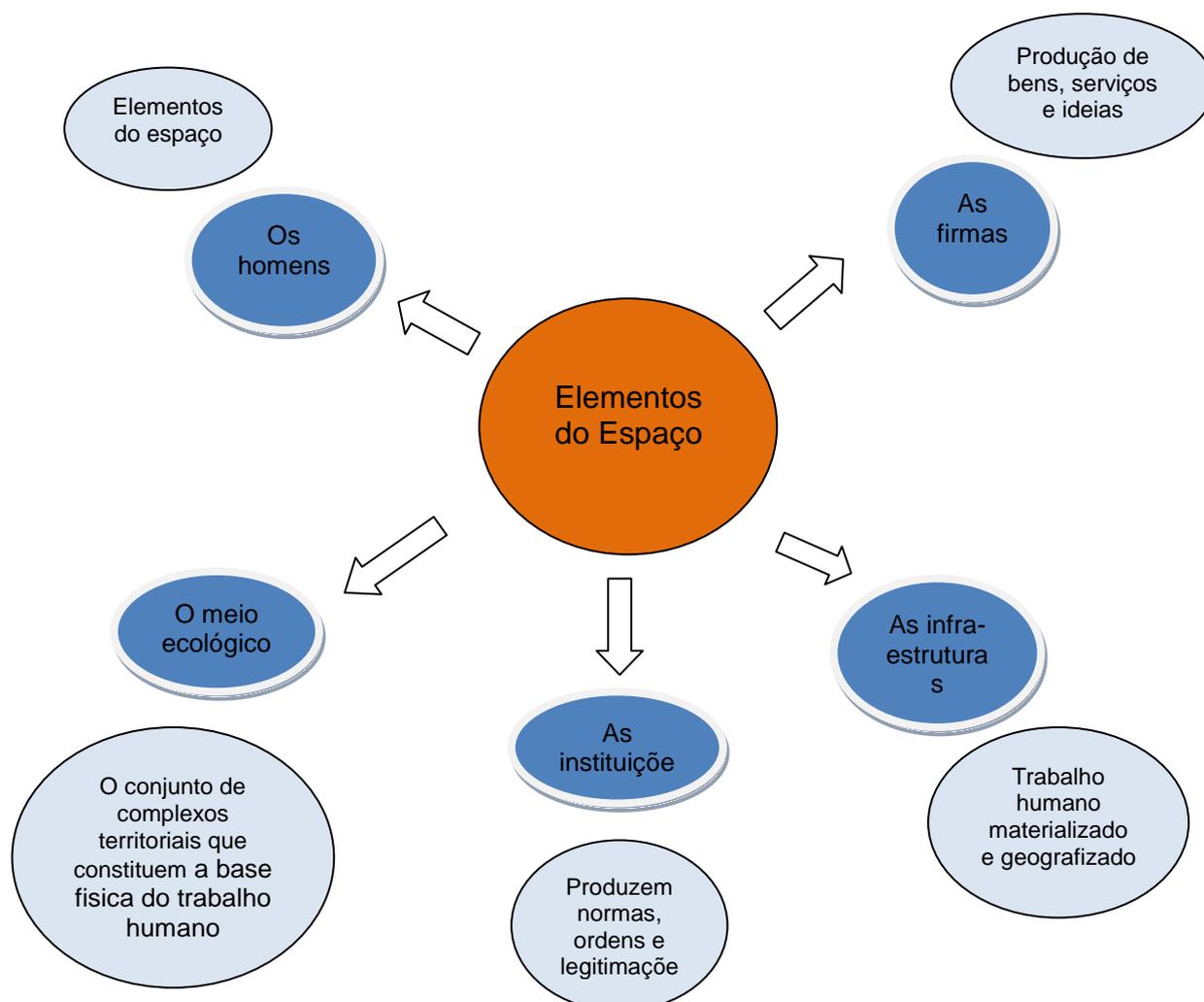


Figura 3: Elementos do Espaço. Fonte: Santos (2012) Adaptação da autora CORDEIRO (2014).

É importante destacar que todo espaço geográfico é organizado, no sentido de acomodação para atender as necessidades da comunidade local. Porém cada tipo de sociedade passa por uma etapa da evolução histórica, correspondente a diversas formas de organização do espaço. Carlos (2011) destaca que para a geografia a noção de espaço, supera sua condição de materialidade pura em direção à possibilidade de pensar o espaço como produção social.

É possível dizer que o espaço representa a matéria prima para o consumo do turismo e que este é anterior ao território que se transformará em território turístico. Sabe-se que o território se forma a partir do espaço que de acordo com Rafesttin

(1993) é essencial, assim como compreender bem que o espaço é anterior ao território.

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço.

Nessa perspectiva, o turismo não é e nem pode ser visto apenas como uma atividade econômica. Mas, também como uma atividade social, carregada de signos, representações, resistência e de valores sociais. Mas da mesma forma que traz o desenvolvimento e o crescimento dos lugares, traz também destruição da natureza, das comunidades locais e das tradições.

3.2. Representações sociais e a construção simbólica do espaço

O capítulo destaca as representações sociais, sua dimensão simbólica do espaço e suas necessidades de conexões entre o econômico, o político, o social e o cultural entre si e com o simbólico. Moscovici foi um dos teóricos que elaborou e defendeu a teoria das representações sociais. Para o autor as representações sociais são entendidas como quase tangíveis, no entanto,

[...]elas circulam, se entrecruzam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica (MOSCOVICI, 2009, p. 10).

O teórico Moscovici esteve interessado em explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas. O fenômeno das representações está, ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade. Dessa maneira Moscovici (2009) sugeriu que as representações sociais

são a forma de criação coletiva, em condições de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente.

No entanto como ponto de partida se destacou que as representações sociais parte da diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade, e seu objetivo está em descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. O resgate do conceito de representação social, foi feito por Moscovici, na qual buscou designar fenômenos múltiplos, observados e estudados em termos de complexidades individuais e coletivos ou os psicológicos e sociais.

Uma outra autora que procurou estudar as Representações Sociais foi Denise Jodelete. Para a pesquisadora as Representações Sociais se apresentam como uma realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e e comunicações que lhes concernem (JODELET, 1990).

Assim, as Representações Sociais, nos ajuda na construção social da nossa realidade, seja através da bagagem cultural, pelos códigos e símbolos, valores e ideologias. As representações apresentam a face figurativa e simbólica, e se diferencia por relacionar os processos simbólicos e procedimentos. Elas emergem a partir de pontos duradouros de conflito e nas estruturas representacionais da própria cultura.

A ancoragem como Representação Social, trata do enraizamento social da representação e de seu objeto. Para Jodelet (1990) o sistema de interpretação tem uma função de mediação entre o indivíduo e o seu meio e entre os membros de um mesmo grupo, tornando-se um instrumento referencial que permite a comunicação em uma mesma linguagem.

O poder territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas a valores éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território cultural precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico.

Um aspecto importante descrito por Haesbaert (2011) é que mais do que território, a territorialidade é o conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem

simbólico-cultural. Composto-se de duas faces, expressão material e conteúdo significativo simbólico, o espaço é para Raffestin, um espaço relacional, inventado pelos homens. E justamente por ser relacional, que o território é também movimento, fluidez, interconexão – em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade. Sendo assim, a historicidade uma das suas características mais importantes.

Para compreender o espaço é necessário que saibamos também compreender a região, no entanto Bourdieu (2012) destaca o regionalismo como um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos, quer individualmente e em estado de dispersão, quer colectivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se prefere a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objectivas ou intencionais) da identidade social.

A apropriação do espaço é visto por Corrêa (2012), como que para cada grupo o espaço é apropriado, vivenciado e representado de modo distinto, com base nas atividades que praticam e nas relações entre si e com a natureza. Dessa maneira é importante destacar que as relações entre as formas simbólicas e espaço são complexas, pois de um lado as localizações e itinerários simbólicos valorizam os locais e trajetos percorridos, de outro, incorporam os atributos simbólicos que as localizações e os trajetos possuem.

Nessa perspectiva é que o sistema de Maier (1987) trata de um sistema espacial que existe para todo o espaço, tempo e grupo humano. O sistema espacial está composto pela construção das imagens e avaliações assim como pelas ações ou atividades de “transcendência espacial”, ou seja, que tem efeitos sobre o território. Ao mesmo tempo este autor define os grupos geográfico-sociais quando um grupo de homens desenvolvem modos de comportamentos de forma espacial com uma influencia semelhante nos processos e nas estruturas espaciais.

A figura 04 a seguir, apresenta o esquema do Sistema Espacial desenvolvido e trabalhado por MAIER (1987) junto a Geografia Social.

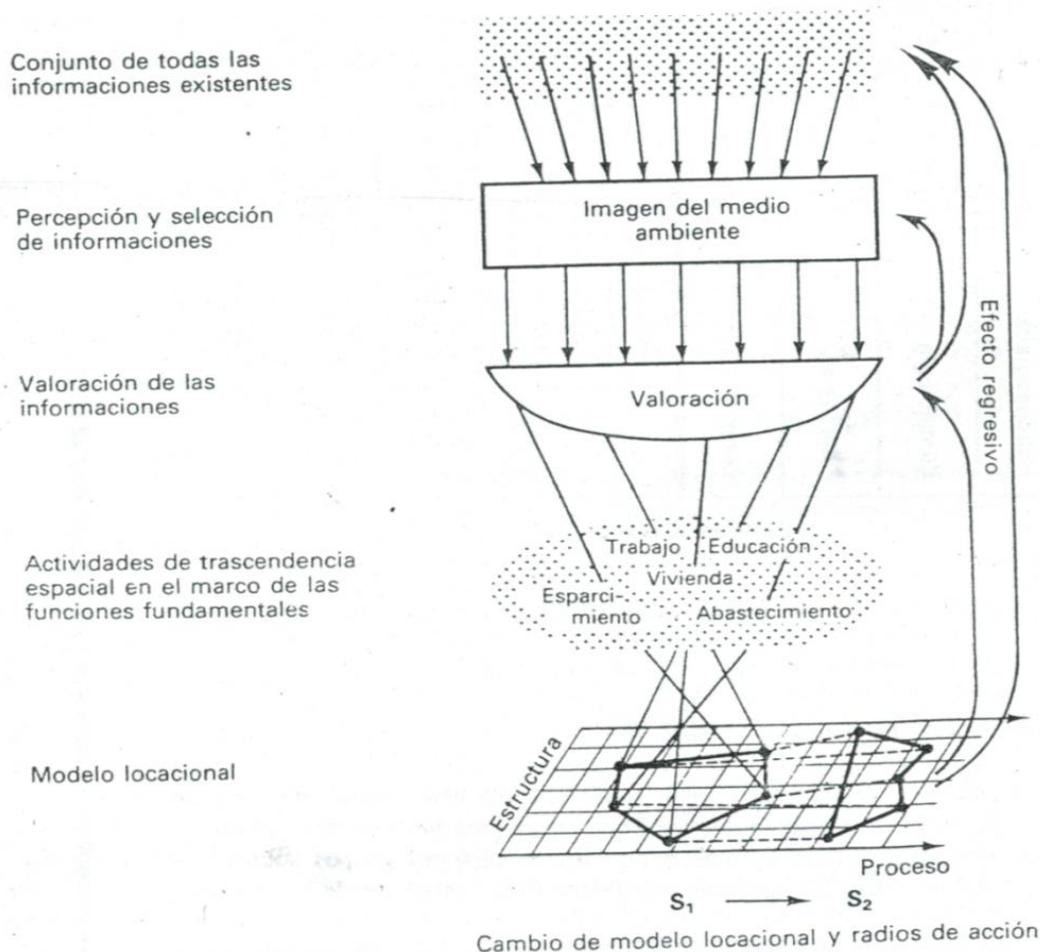


Figura 04: Sistema espacial da geografia social (Maier, 1987)

De principio se analisou todas as informações existentes, que constituem o fundamento necessário para a criação de imagens sobre o meio ambiente pesquisado. Em seguida foram selecionadas as informações e sua valorização, para assim transformar as atividades de transcendência em um marco de funcionamento fundamental para a formação do modelo locacional.

Estudos desse tipo tratam de aprofundar questões sobre as atividades humanas e explicar seus processos de tomada de decisões e suas motivações sobre a origem, e em última instância e fundamento a ordem espacial e da vida social.

O sistema espacial proposto por Maier foi importante para trabalhar as representações sociais abordadas na pesquisa, assim como identificar diferentes

grupos geográfico-sociais de comportamento, as mudanças no modelo locacional, ou na diversidade de modelos locacionais no território. Mostrou também como determinados agentes atuam sobre um determinado espaço e seu afeto quanto as estruturas sobre a modalidade locacional.

3.3. Agentes e ações no processo de construção material do espaço

A idéia de espaço enfatiza diversas formas no processo de estruturação social, como objeto de investigação e análise. Para Corrêa (2012) o espaço, mais do que manifestação da diversidade e da complexidade sociais, é, ele mesmo, uma dimensão fundadora do ser no mundo, mundo esse, tanto material quanto simbólico, que se expressa em formas, conteúdos e movimentos.

Muitas medidas e ações para o desenvolvimento do turismo regional baseado em elementos culturais faz-se necessário, a exemplo da realização de inventários do patrimônio cultural de uma localidade ou região, através de pesquisa campo e bibliográfica promovendo reuniões e seminários com a comunidade para maior integração e identificação das manifestações de interesse e sugestões, assim como elaborar prognóstico para projetar o futuro, visando antecipar soluções e problemas.

De acordo com Santos (2008) o espaço apresenta várias definições, entre elas o espaço é visto como reunião dialética de fixos e de fluxos. O espaço como conjunto contraditório, formado por uma configuração territorial e por relações de produção, relações sociais; e o espaço formado por um sistema de objetos e um sistema de ações. Um sistema espacial para (MAIER, 1987, MEDINA, 2012) está formado por um conjunto de todas as informações existentes sobre o espaço social.

O espaço é compreendido como uma realidade objetiva associada a um produto social em permanente processo de transformação. Sendo assim, o espaço impõe sua própria realidade e busca estudar sua relação com a sociedade. Sem dúvida, a problemática do espaço nasce de um crescimento das forças produtivas. Forças produtivas e técnicas que permitem intervir a todos os níveis do espaço local, regional, nacional e planetário.

Para Lefebvre (2006), modifica-se o espaço inteiro, geográfico e histórico sem revogar suas implicações, os pontos iniciais, os primeiros domicílios e núcleos, os

lugares como as localidades, regiões e países situados em diferentes níveis do espaço social que substitui o espaço-natureza por um espaço-produto.

Do espaço produto, do espaço da produção, o pensamento que reflete passa assim à produção do espaço como tal, devido ao crescimento contínuo (relativamente) das forças produtivas, mas nos quadros descontínuos (relativamente) das relações e dos modos de produção.

Resulta que para apreender o conceito proposto, ou seja, a produção do espaço, é necessário de início dissipar as ideologias que mascaram o uso das forças produtivas no seio dos modos de produção em geral e, em particular, do modo de produção existente. É preciso, portanto, destruir as ideologias da espacialidade (abstrata), os recortes e representações do espaço, ou seja, as ideologias que não se dão como tais, evidentemente, mas explicitamente para saber. Esta crítica estende sua dificuldade e sua complexidade daquilo que ela traz ao mesmo tempo sobre as formas (mentais) do espaço e sobre seus conteúdos práticos (sociais).

A forma do espaço social é o encontro, a reunião, a simultaneidade. O que se reúne e o que é reunido, é tudo o que há no espaço, tudo o que é produzido, seja pela natureza, seja pela sociedade, seja por sua cooperação, seja por seus conflitos, isto é os seres vivos, as coisas, objetos, obras, signos e símbolos. O espaço-natureza justapõe, dispersa e coloca uns ao lado dos outros, os lugares e o que os ocupa, ou seja, ele particulariza.

Lefebvre (2006) destaca que o espaço social implica a reunião atual ou possível em um ponto, em torno deste ponto. Logo, a acumulação possível (virtualidade que se realiza em certas condições). Esta afirmação se verifica no espaço da morada, se confirma no espaço urbano, que revela os segredos do espaço social ainda incertos. O espaço urbano reúne as multidões, os produtos nos mercados, os atos e os símbolos.

De acordo com Santos (2012) são focos da organização espacial a forma, função, estrutura e processo, na qual são categorias inseparáveis e que definem o espaço em relação a sociedade. Dentre as diversas ações que podem ser empreendidas para o desenvolvimento do turismo baseado em elementos materiais culturais, é importante destacar a identificação das potencialidades dos locais onde o turismo está inserido, estabelecer políticas de incentivos à preservação, assim

como a realização de atividades que possibilitem o resgate e a preservação da memória do local através de programas e projetos que promovam a revitalização e valorização do patrimônio histórico e cultural.

Entre tantos aspectos que vem a interferir no desenvolvimento da atividade turística cultural, faz se necessário que uma localidade, região ou país, busque identificar os elementos que mais o afetam para daí poder classificá-los em controláveis e os não controláveis.

O território turístico se formará através de uma prática social e uma rede de interesses e exercício de poder que envolvem os fatores sociais, políticos e econômicos dos atores envolvidos como empresários, políticos, população local, que almejam o desenvolvimento local/ regional com a inserção do turismo. Rodrigues (2006) se refere ao território turístico, como um espaço dominado e ou/ apropriado que assume um sentido multiescalar e multidimensional que só pode ser devidamente apreendido numa concepção maior de multiterritorialidade.

Mais do que uma coisa ou um objeto, o território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento afirma Haesbaert (2004). No entanto, ao analisar o território turístico Castro (2006) diz que,

o turismo constrói novos territórios e territorialidades ao promover inovações relacionadas á infra-estrutura energética, transportes e comunicações, saneamento básico, expansão imobiliária com valorização do solo urbano; ao afetar valores, costumes e cultura da comunidade local, resultando uma série de efeitos favoráveis e desfavoráveis ao inscrever uma nova racionalidade espacial, numa conexão sistêmica entre o local e o global (p.42).

A formação do espaço turístico tem levado à utilização do termo território turístico, que pode ser definido como porções do espaço geográfico em que a participação do turismo na produção do espaço foi e ainda é determinante. Dessa maneira destacamos que teoricamente, não há território que seja adjetivamente turístico. O que existe, de fato, são “usos turísticos do território”, ou seja, porções de espaço apropriadas por diferentes fins, incluindo-se e destacando-se a atividade do turismo.

Os produtos materiais e simbólicos construídos pelo turismo são resultado pelas ações de múltiplos agentes que não necessariamente obedecem a um plano predeterminado de atuação conjunta. Os distintos agentes participam de forma diferenciada em função dos recursos culturais e materiais disponíveis e também dos distintos contextos em que atuam (MEDINA, 2012, p.28).

O processo de reconstrução do espaço turístico é realizado por agentes que realizam atividades de transcedência espacial. Entendemos as atividades de transcedência espacial turísticas como aquelas atividades que afetam a reconstrução do espaço de uso turístico de forma efetiva (MEDINA, 2012, p.36). O espaço turístico é o resultado das distintas lógicas e das relações de cooperação e de conflitos dos agentes que participam na reconstrução do espaço (CORIOLANO e MEDINA, 2012).

Apreender o papel do turismo na produção do espaço é tarefa, portanto, metodologicamente bastante complexa. O turismo é uma prática social e uma atividade econômica que, no mais das vezes, se impõe aos lugares, mas ela não se dá sobre uma tabula rasa, sobre espaços vazios e sem donos.

4. DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO REGIONAL: OS CAMINHOS DO FRIO NO BREJO PARAIBANO

O turismo tem estimulado o olhar sobre a diversidade territorial, através da valorização e/ou da recriação da diferença, sendo assim, um dos setores mais dinâmicos da economia contemporânea e que vem evoluindo em todo o mundo. Nessa perspectiva a pesquisa tem como princípio norteador o entendimento de que o turismo desenvolve-se em meio a esta tendência, como instrumento de relevante significância para alcançar o desenvolvimento de uma região.

Para isso o governo, em âmbito nacional, estadual e municipal, vem apresentando, através de propostas governamentais, uma preocupação em como o turismo pode contribuir com a solução dos problemas do país, incluindo a cultura de modo a promover um processo desenvolvimentista, e mostrando que é possível um turismo cultural garantindo a sustentabilidade de uma região, não restringindo-se apenas a aspectos econômicos, mas respeitando os cidadãos e as comunidades locais na identificação e valorização da identidade cultural.

Dessa maneira este capítulo vem traçar considerações a respeito dos Caminhos do Frio – Rota Cultural, como proposta de desenvolvimento turístico cultural e sua caracterização.

4.1 Rota Cultural – Caminhos do Frio no Desenvolvimento Turístico e Regionalização do Brejo Paraibano

Ao longo dos últimos sessenta anos, o desenvolvimento tem sido uma poderosa *idée-force* para o sistema das Nações Unidas, tanto como conceito analítico quanto como ideologia. O desenvolvimento não se presta a ser encapsulado em fórmulas simples, e sua multidimensionalidade e complexidade explicam o seu caráter fugido. Como seria de se esperar, o conceito tem evoluído durante os anos, incorporando experiências positivas e negativas, refletindo as mudanças nas configurações políticas e as modas intelectuais.

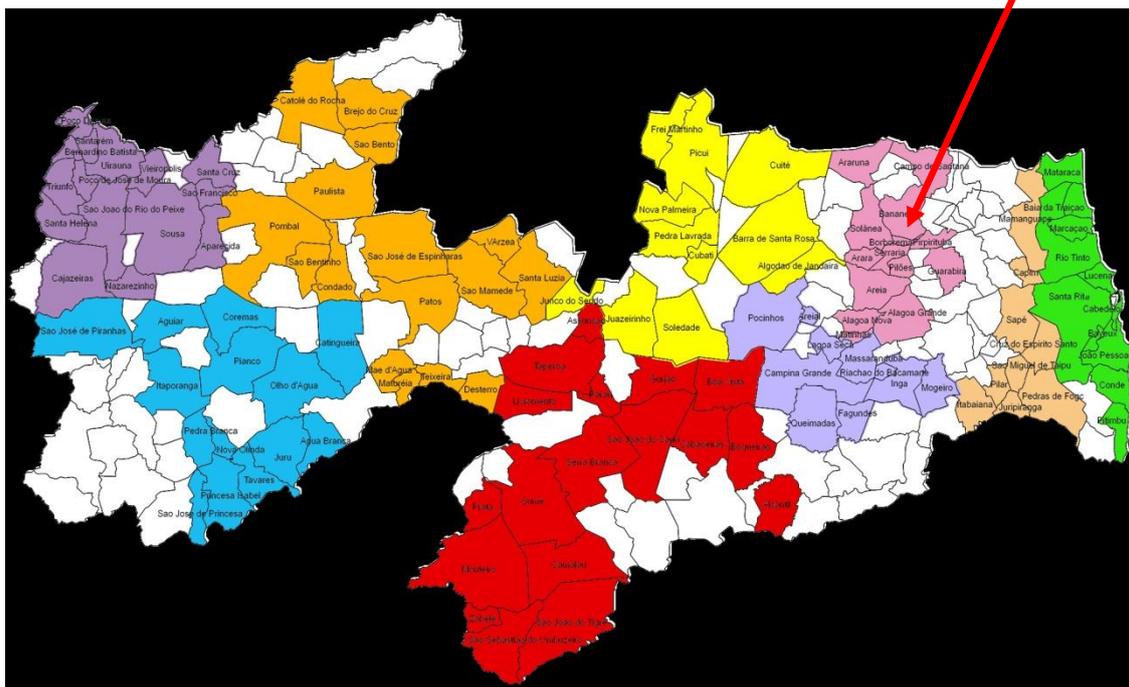
O turismo é um fenômeno complexo que contribui para a reconstrução de uma sociedade, a partir das ações dos agentes que constroem as formas espaciais (dimensão material) e as identidades locais (dimensões simbólicas). A aplicação desta reflexão requer um processo de tradução em cada realidade turística de forma específica, devido ao caráter dinâmico de cada sociedade e das teorias sociais. Entender as lógicas de cada um dos agentes é de fundamental e vital importância para a compreensão do fenômeno turístico (MEDINA, 2012, p.42).

Com o Programa Nacional de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, com início em 2003, a ideia de se elaborar roteiros turísticos se disseminou para vários municípios do Brasil, o que não foi diferente no Estado da Paraíba. Associado aos Caminhos do Turismo Integrado está o Programa de Regionalização do Turismo (PRT), implantado em 2005 pelo governo federal – gestão 2003 – 2006 -, através do Ministério do Turismo (Mtur).

Este programa assume a noção de território como espaço e lugar de integração do homem com o ambiente, dando origem a diversas formas de se organizar e se relacionar com a natureza, com a cultura e com os recursos disponíveis. Esta noção de território propõe uma coordenação entre organizações sociais, agentes econômicos e representantes políticos, superando a visão estreitamente setorial do desenvolvimento (BRASIL, 2005, p.12).

O mapa 01, de acordo com o Sistema Nacional de Turismo, destaca o aperfeiçoamento da Regionalização do turismo para a qualificação da rede e desdobramento para as regiões, estados e municípios na Paraíba. De acordo com a proposta do novo mapeamento da Regionalização do Turismo do Estado da Paraíba (2013), realizado pela Secretária Executiva do Estado, a Paraíba dividi-se em dez Regiões Turísticas, nas quais destacam-se: Região Turística do Litoral Norte, Litoral Sul, Zona da Mata, Brejo, Agreste, Seridó, Cariri, Vale dos Sertões, Vale das Águas e o Vale dos Dinossauros). A Região Turística do Brejo é formada por 14 municípios.

Ver o mapa 01 a seguir com as regiões turísticas, na cor rosa o brejo paraibano.



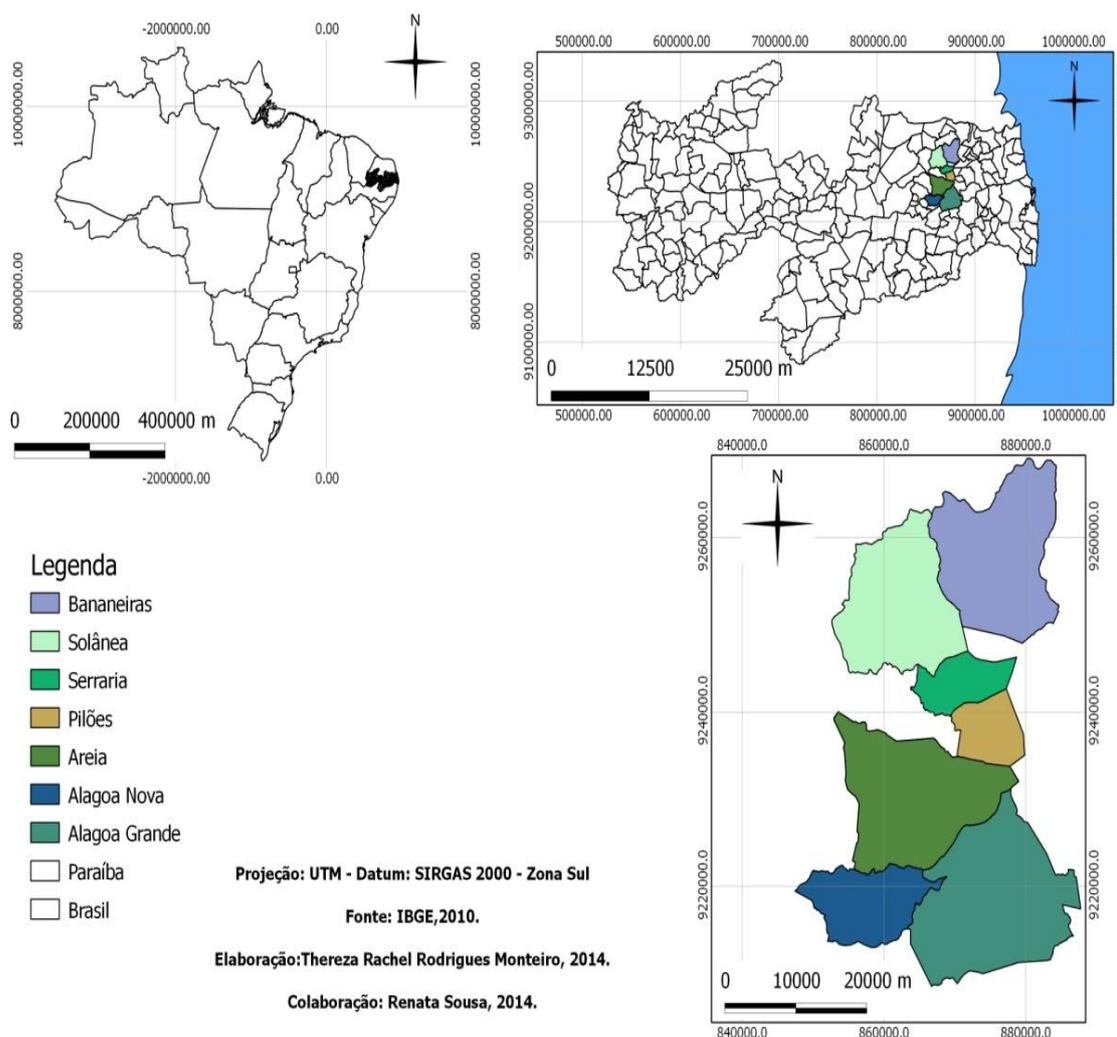
Mapa 01: Regiões Turísticas do Estado da Paraíba (2013), em destaque para a microrregião do Brejo Paraibano.

Com uma área total de 56.439,8 km² e contando com 223 municípios, a Paraíba apresenta características distintas devido a sua diversidade paisagística e seus valores históricos – culturais. Devida-se em quatro mesorregiões, que são o sertão, borborema, agreste e zona da mata, e em 23 microrregiões, em que insere-se o Brejo Paraibano. O Brejo está localizado na mesorregião do Agreste Paraibano, na qual está dividida em oito municípios: Matinhas, Alagoa Nova, Alagoa Grande, Areia, Pilões, Serraria, Borborema e Bananeiras. O Brejo Paraibano se distingue como uma mancha úmida que se encontra na escarpa oriental do Planalto da Borborema, um maciço formado por rochas cristalinas (pré-cambrianas), elemento de maior visibilidade da paisagem, sendo recortado pelo vales, rios e riachos.

Os Caminhos do Frio surgiu em 2005, com a realização do I Seminário de Regionalização do Turismo do Brejo Paraibano. De acordo com o documento de criação, o objetivo geral do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural é promover o desenvolvimento sustentável e promover a integração regional. Seu foco estratégico é o fortalecimento de parcerias, marketing turístico, melhoria na gestão de negócios, qualificação de pessoas e a criação de um Fórum para a governança da Região.

Os Caminhos do Frio vem a acontecer anualmente entre os meses de Julho a Setembro, e é uma ação de referência para toda a Paraíba em termos de circulação e fruição cultural. O evento é realizado em parceria com o Governo do Estado, através da PBTur, Sebrae, Fórum regional do turismo sustentável do Brejo, prefeituras municipais, os agentes econômicos das localidades como os empresários dos setores de alimentos e bebidas, meios de hospedagem, receptivo local, agronegócios (engenhos, apicultura) e serviços de transportes e agentes culturais (música, dança, teatro, artesanato, artes visuais e plásticas).

Ver mapa 02 referente a delimitação geográfica do Brejo Paraibano por municípios integrantes dos Caminhos do Frio.



Mapa 02: Localização do Brejo Paraibano. Adaptação: MONTEIRO, 2014.

A rota cultural é dividida em seis semanas, uma para cada município, e tem se propiciado como momento fecundo para a circulação da produção cultural no Estado da Paraíba e especialmente do próprio Brejo. É dessa maneira que a programação reúne a beleza natural das paisagens, suas riquezas culturais, patrimônio histórico tombado, produção de cachaça e gastronomia. Durante os dias do evento o público pode acompanhar festivais gastronômicos, exposições e apresentações culturais, trilhas ecológicas, teatro, oficinas de diversa natureza, feira de artesanatos, cinema, shows, fotografia, poesia, passeios nos engenhos, atividades de ecoturismo e esportivas, além de desfrutar de um clima frio, na qual nessa época, os termômetros chegam a marcar até 12º na região serrana.

Os Caminhos do Frio – Rota Cultural surgiu em um momento que os municípios não estavam preparados para receberem o evento, pois a região não disponibilizava de infra-estrutura suficiente e necessária para receber um público turístico. Porém, foi através do incentivo depositado ao projeto cultural Caminhos do Frio, que houve motivação para desenvolver os municípios e o brejo paraibano de maneira geral.

A atividade turística interfere na produção do espaço regional de maneira que venha contribuir para o desenvolvimento de uma região, como é o caso do brejo paraibano. Porém, Brasil (2001), destaca que para compreender esta região numa dinâmica sócio-espacial de desenvolvimento é imprescindível a análise do papel do planejamento e das representações sociais. É nessa perspectiva, que os programas turísticos estão inseridos na seara do planejamento, especialmente quanto à relação entre as políticas de turismo e as políticas urbanas, coadunados com o Estatuto da Cidade.

O Estatuto da Cidade, de acordo com o artigo 50, reafirma a obrigatoriedade do artigo 182 da Constituição ao exigir a elaboração de planos diretores para as cidades com população acima de 20 mil habitantes, e amplia esta exigência para as cidades que são integrantes de áreas de especial interesse turístico e aquelas que estão inseridas em áreas de influência de empreendimentos ou atividades com significativo impacto ambiental e de âmbito regional (BRASIL, 2001).

Portanto, todos os municípios do Brejo Paraibano que integram a Rota Cultural terão que elaborar ou atualizar seus planos diretores por estarem inseridos nos Programas de Regionalização do Turismo, porém de acordo com os secretários

de turismo entrevistados, os mesmos destacam que os municípios que integram a rota, não disponibilizam de planos diretores. Na qual, sabe-se que quando uma cidade é considerada turística e está dentro do Programa de Regionalização, se faz importante que a mesma apresente os seus planos diretores.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância do planejamento territorial nos níveis municipais, microrregional e mesorregional, de forma a reagrupar vários distritos unidos pela identidade cultural e por interesses comuns. Para este fim, é importante criar espaços para o exercício da democracia direta, na forma de foros de desenvolvimento local que evoluam na direção de formar conselhos consultivos e deliberativos, de forma a empoderar as comunidades para que elas assumam um papel ativo no desenho do seu futuro (SACHS, 2004, pg.61).

Os Caminhos do Frio – Rota Cultural é uma viagem na história desta região do brejo paraibano, na qual leva-nos aos tempos áureos dos engenhos de cana de açúcar, permitindo ao visitante degustar produtos feitos na hora e participar da produção. No seu rico patrimônio histórico, encontramos: teatros, engenhos, museus, ladeiras e casarões que contam a história do nosso Estado. A região também é berço de renomados artistas, como o artista plástico Pedro Américo, o músico Jackson do Pandeiro, o escritor José Américo de Almeida, e a líder sindical Margarida Alves, entre outros nomes.

5. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOB O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ROTA CULTURAL CAMINHOS DO FRIO

As representações sociais dos agentes que participam num território são formas consolidadas de interpretar, pensar e sentir a realidade. As representações sociais são um conjunto de conceitos e explicações originadas na vida cotidiana como resultado da interação social e os processos comunicativos. Assim sendo, a realidade é pensada e criada a partir de uma seleção de elementos materiais da realidade e simbolizados ou representados. A importância de estudar as representações sociais encontra-se em que elas dotam de sentido aos objetos representados e influencia as ações dos agentes sociais.

As representações sociais de construção da Rota Cultural Caminhos do Frio intervêm na produção do espaço e se encontram relacionadas com as peculiaridades da região. Assim, neste capítulo destacam-se como as representações sociais afetam no desenvolvimento regional do brejo paraibano e nas ações dos agentes locais e regionais. Os fatores levados em consideração nesta etapa foram principalmente como as representações afetam no desenvolvimento e como elas interferem no processo de construção da rota.

5.1 Construção do Desenvolvimento Turístico Regional

A dimensão e a diversidade do território brasileiro são de tal ordem que a estruturação e organização da oferta turística do país constituem um dos maiores desafios para a gestão e o desenvolvimento regional. No Brejo Paraibano não se faz diferente ao que se refere ao desenvolvimento turístico cultural. A elaboração de estratégias para o desenvolvimento regional que articulem os agentes sociais será o objeto de nossa reflexão partindo das falas dos agentes envolvidos no processo.

As representações são fruto das experiências dos indivíduos que dão um sentido, uma definição ao objeto que representam, “[...] são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social” (JODELET, 1989, p.4). Constroem, portanto, uma realidade comum na qual as trocas simbólicas são realizadas. As representações constituem produções mentais individuais, de grupo e institucionais

que criam uma identidade que é assegurada pelas trocas entre os grupos sociais. Essas características fazem com que a linguagem se torne importante na transmissão das representações que são partilhadas e contribuam para o fortalecimento do sentimento de pertencimento (JODELET, 1989).

Nesse contexto, as representações sociais do Brejo, são o ponto de partida para a compreensão e interpretação das atividades empreendidas na região que buscam o desenvolvimento a partir dos Caminhos do Frio – Rota Cultural. O desenvolvimento deve ser colocado em suas várias relações com seus aspectos não apenas econômico, mas também cultural, social e histórico. Furtado (1984), destaca que o desenvolvimento se realiza quando os valores humanos se abrem para a capacidade criativa e a acumulação se difunde em segmentos importantes da coletividade.

Nas representações sociais sobre o desenvolvimento dos atores que participam da Rota do Frio, podemos perceber que predomina uma visão econômica sobre o desenvolvimento conjuntamente com uma visão mais complexa que fosse além do paradigma econômico (BRASILEIRO, 2012). Neste sentido, temos o discurso em torno do desenvolvimento de um dos representantes das associações:

[...] os Caminhos do Frio hoje está contribuindo para o desenvolvimento da cidadania, da cultura e do turismo. A AJAC foi parceira direta na organização do evento. Para adquirir recursos, sobrevivemos a partir da venda de alguns produtos, a exemplo dos espetáculos teatrais e das apresentações em eventos e escolas, gerando assim, renda para o artista e incentivando o mesmo a desenvolver cada vez mais o seu trabalho. A principal contribuição é o desenvolvimento da cultura para ser vivenciada pela comunidade local e pelo turista.

A mercantilização da cultural transforma as manifestações culturais em produtos como estratégias para o desenvolvimento regional. Segundo Harvey (2005, p. 321), a cultura passa a ser uma *commodity*.

É inegável que a cultura se transformou em algum gênero de mercadoria. No entanto, também há a crença muito difundida de que algo muito especial envolve os produtos e os eventos culturais (estejam eles nas artes plásticas, no teatro, na música, no cinema, na arquitetura, ou mais amplamente em modos localizados de vida, no patrimônio, nas memórias coletivas e nas comunhões afetivas),

sendo preciso pô-los à parte das mercadorias normais como camisas e sapatos. Talvez façamos isso porque somente conseguimos pensar a seu respeito como produtos e eventos que estão num plano mais elevado da criatividade e do sentido humano, diferente do plano das fábricas de produção em massa e do consumo de massa.

Essa reflexão se faz presente no discurso de um dos empresários na qual os elementos culturais da região são o elemento central para promover o turismo e o desenvolvimento regional. Ainda que a cultura seja o elemento central para o desenvolvimento, a representação social sobre o desenvolvimento está impregnada da concepção econômica. Para o representante da associação, está havendo um desenvolvimento econômico no município.

[...] aproveitamos desse evento para trazer, a cada evento, mais pessoas e gerar mais emprego e renda e desenvolver a cultura, a economia e o turismo do município. Esse desenvolvimento é divulgado tanto no histórico-cultural, como no turismo rural, gerando um desenvolvimento econômico mais solidificado.

Os estudos desenvolvidos por Dias (2002) destacam que o desenvolvimento da oferta turística ocorre não só devido à participação governamental, mas também com a participação da iniciativa privada e da comunidade local. Para compreender este processo é necessário analisar a representação sobre o desenvolvimento do Fórum de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano. A representante do Fórum afirma que os Caminhos do Frio é um dos eventos da região do brejo paraibano que tem como objetivo desenvolver o turismo através da cultura.

[...] os Caminhos do Frio é uma rota cultural já consolidada e conhecida na região, na qual apresenta uma avaliação muito positiva. O enfoque é ao turismo cultural, com ênfase ao desenvolvimento sustentável, na qual o produto local seja o foco do desenvolvimento regional. A proposta dos Caminhos do Frio é que o mesmo seja trabalhado como um produto comercial. Sendo assim, os Caminhos do Frio – Rota Cultural tem como base a cultura regional. O Fórum trabalha com os Caminhos do Frio de forma planejada.

Nessa perspectiva, a articulação das Associações, Fórum de turismo, Sebrae, PBTur, secretários das prefeituras e empresários consigam que Os Caminhos do Frio – Rota Cultural se torne conhecido e com um público consolidado. De acordo com Boisier (1999), os projetos de desenvolvimento precisam criar um ambiente de cooperação que articulem os vários agentes regionais e favoreçam o capital sinérgico, capaz de transformar o território através daquilo que denomina “caminho virtuoso” (BOISIER, 1999).

A PBTur realiza a cada ano uma pesquisa para avaliar o perfil do turista, o atendimento, as instalações dos hotéis, bares e restaurantes. Algumas das dificuldades apontadas nesse estudo são ao atendimento precário oferecido aos turistas, deficiências na capacitação do pessoal dos hotéis e restaurantes, assim como a falta de infra-estrutura.

[...] o maior exemplo de desenvolvimento do brejo através do turismo dos Caminhos do Frio é o parque hoteleiro, na qual, já estimula uma maior demanda. Toda essa parte do desenvolvimento local e regional está ligado ao investido, sendo assim, um problema estrutural. Tudo vai muito da questão política, porém não se desenvolve uma rota desse porte sem que a infra-estrutura não esteja estruturada.

Mas como dado positivo a PBTur destaca a importância e valorização dos agentes municipais e a criação de um ambiente de cooperação, ou usando a terminologia de Boisier (1999) capital sinérgico, capaz de articular esforços na procura do desenvolvimento, no qual as associações, instituições públicas e empresários trabalham em conjunto, explorando cada um suas potencialidades e habilidades.

O desenvolvimento ligado à cultura envolve relações de poder pela produção material e produção simbólica onde os agentes disputam numa teia de significado (GEERTZ, 2008). As representações sociais, símbolos, signos e práticas significativas não ocorrem num ambiente isento de confrontos, mas através de constantes embates e relações de força em que os agentes lutam por impor sua capacidade de definir os objetivos do desenvolvimento e as estratégias para o desenvolvimento (MEDINA, 2012).

Assim, um dos pontos de dificuldade apontados pelo representante do Sebrae é a falta de cooperação entre os representantes das secretarias de turismo

devido à ausência nas reuniões do Fórum Regional de Turismo de Brejo Paraibano. Segundo a representante do Sebrae, a participação efetiva desses representantes seria importante para o desenvolvimento do turismo e para o fortalecimento dessa instância de governança.

Em relação ao Sebrae, um dos representantes do Fórum considera que sua atuação é positiva no processo de desenvolvimento.

[...] os Caminhos do Frio é uma rota cultural consolidada, reconhecida e apresenta uma avaliação muito positiva. O Sebrae contribui para o seu desenvolvimento, através da capacitação dos empreendedores, melhorando o atendimento, e a qualidade dos produtos de cada estabelecimento vinculado ao fórum de turismo sustentável do brejo. O Sebrae não tem financiamento para o evento e contribui para o mesmo através dos serviços oferecidos. O Sebrae disponibiliza para os Caminhos do Frio todo o material publicitário que é a divulgação. Porém, o que vem faltando é formar um roteiro na região do brejo, que destaque a cultura como foco, para que as agências de viagens tenham conhecimento e comecem a vender o produto regional do brejo.

No estudo, percebemos que um conjunto de iniciativas foi realizado com o intuito de oferecer melhoras na gestão dos recursos culturais para os agentes da região. Atividades como oficinas de teatro, cinema, música, gastronomia, exposição fotográfica, atividades esportivas, dança de salão e palestras contribuíram na capacitação do pessoal envolvido em atividades culturais na região. Porém, a principal deficiência, segundo a representante do Fórum, se encontra na elaboração de estratégias de divulgação para continuar consolidado o turismo na região.

5.2 A promoção do turismo cultural no Brejo Paraibano

O desenvolvimento não é só uma questão de desenvolvimento econômico, mas precisa de uma maior complexidade, que incluía outras dimensões da realidade (MEDINA, 2012). Os agentes locais que procuram o desenvolvimento turístico articulam novas formas de organização e gestão que lhes permitam ser mais competitivos no mercado do turismo. HARVEY (2005) define essa nova forma de gestão de empreendedorismo urbano:

Padrão de conduta na governança urbana que combina poderes estatais (local, metropolitano, regional, nacional e supranacional), diversas formas organizacionais da sociedade civil (câmaras de comércio, sindicatos, igrejas, instituições educacionais e de pesquisa, grupos comunitários, ONG etc.) e interesses privados (empresariais e individuais), formando coalizões para fomentar ou administrar o desenvolvimento urbano/regional de um tipo ou de outro (HARVEY, 2005, p. 230)

Esses agentes locais, entretanto, agem reconstruindo as qualidades culturais do lugar, para competir no mercado do turismo. Segundo alguns dos empresários locais Os Caminhos do Frio permitiu um desenvolvimento econômico, mas também incluem na sua fala outras dimensões que ampliam a concepção meramente econômica. Desde o ponto de vista de alguns dos empresários da região, Os Caminhos do Frio contribuem para o desenvolvimento econômico em resgate das tradições e ajuda a fomentar a produção de produtos tradicionais. Como afirma uma das empresárias da região:

[...] como empreendedora vejo que mudou bastante meu empreendimento depois do evento, pois é uma rota em termos de desenvolvimento cultural, social e econômico muito importante para a região do brejo. [...] A Casa do Doce recebe nos Caminhos do Frio uma quantidade significativa de turistas, na qual nessa época do evento trabalhamos uns 20 dias antes para aumentar a produção, pois a demanda durante o evento é bem maior.

Os Caminhos do Frio – Rota Cultura contribui para a divulgação das potencialidades da região, o aumento do número de turistas e das vendas de alguns dos produtos artesanais. Mas cabe destacar, também, como outras dimensões do desenvolvimento são inseridas nos discursos com a inclusão das dimensões da cultura e do social. A idéia de promover um roteiro turístico na região foi elaborada a partir das potencialidades culturais e propicio o turismo cultural.

Para Zaoual (2008) o turismo situado procura o contato com a cultura local em forma de objetos, mas também, querendo conhecer o significado desses objetos no contexto em que os mesmos têm seu sentido cultural específico. Estas demandas dos turistas são percebidas pelos agentes locais que optam pelo desenvolvimento turístico e elaboram estratégias para satisfazer essas demandas.

Zaoual (2008) expressa essas mudanças nas demandas e ofertas relacionadas ao turismo situado:

Os indivíduos não parecem mais procurar, exclusivamente, a mudança de hábitos, mas também as diferenças culturais locais ignoradas ou redescobrir o que lhes parece ser suas próprias raízes. O conjunto dessas motivações parece expressar um tipo de turismo de emoções e de assombro. Essas necessidades são, cada vez mais, sentidas pelas coletividades locais, que orientam seus esforços em direção à proteção da variedade dos patrimônios locais (ZAOUAL, 2008, p. 6)

A procura pelo segmento do turismo cultural é uma estratégia promovida pelas instituições municipais. Um dos entrevistados de uma Secretaria de Turismo considera que:

[...] A valorização do desenvolvimento cultural local do município é importante, pois são oferecidas atividades culturais pelo evento, na qual é trabalhada com os turistas e a comunidade local, oficinas de teatro, dança, música, pintura, entre outros.

Estas iniciativas contribuem na formação de uma rede na qual alguns desses atores se articulam para buscar as alternativas desse desenvolvimento, assim como favorece o contato entre turistas e membros da comunidade. Este tipo de ações se encaixa na teoria do sítio simbólico de Zaoual (2003) que prioriza o encontro entre turistas e comunidade. As estratégias para o desenvolvimento regional 'situado' leva em conta as características específicas das localidades, a sua diversidade cultural e os agentes da região, a partir do que Zaoual (2003) denomina 'racionalidade situada' (2003) que é contrária à racionalidade econômica universal para todas as realidades. Para favorecer os processos sinérgicos (BOISIER, 1999) na região foi criado o Fórum de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano, que atua como mediador entre os agentes do desenvolvimento como Associações, Sebrae, Governo do Estado, Secretarias de Turismo e empresários. Em palavras de uma das representantes de Turismo:

[...] o município procura trabalhar por um desenvolvimento turístico cultural. A cultura é muito forte no município, e foi a partir dessa característica que se decidiu investir no turismo através da cultura.

Os eventos realizados no município é uma grande característica para o desenvolvimento do turismo cultural.

Associado a esta perspectiva, este outro entrevistado da Secretaria de Turismo, analisa os Caminhos do Frio como uma maneira de agregar valores ao município e destaca que o desenvolvimento turístico, deve ser baseado em um equilíbrio entre a preservação do patrimônio natural e cultural; a viabilidade econômica do turismo e a equidade social do desenvolvimento.

[...] é a cultura que propaga as informações e que desenvolve novas mentes e novos pensadores. É a cultura que agrega novos valores aos já existentes dentro do município. Assim, mesmo sendo basicamente a grade das programações recheada com vivências culturais, nota-se que os municípios decidiram investir no turismo através da valorização das potencialidades culturais e naturais no que diz respeito a fortificação de suas políticas públicas no âmbito cultural, mesmo tendo as potencialidades culturais dando evidência identitária aos municípios e promovendo, ao lado de outros fatores, o crescente fluxo turístico na região.

Como argumenta Brasileiro (2012) o turismo apresenta-se como uma possibilidade para a tomada de consciência dos turistas e autóctones como agentes sociais. É importante destacar que o desenvolvimento turístico baseado na cultura tem por objetivo o desenvolvimento das qualidades humanas, ao mesmo tempo em que é uma ferramenta da população num processo de transformação socio-cultural.

Dessa maneira, a teoria de Boisier (1989), completa a idéia sugerindo que para entender o processo de desenvolvimento regional é imperativo dar uma atenção especial a um conjunto de elementos – macroparâmetros – que delimitam o âmbito do planejamento do desenvolvimento regional em termos de sistemas de organização econômica, de estilos de desenvolvimento e dos conceitos hoje dominantes sobre o desenvolvimento econômico, cultural, político e social.

O representante da Associação da AJAC faz uma referência ao desenvolvimento do turismo voltado ao foco social, assim se questionou quanto à importância do turismo,

[...] é o turismo feito com quem? Para quem? A gente vislumbra muito isso, não é só um turismo que exista por existir, para satisfazer a uma determinada classe social, pois assim se torna um turismo

predatório para a população residente local, como para o turista que vem visitar o município, e se torna um evento desgastado.

Dessa maneira, o representante relacionam os Caminhos do Frio, aos aspectos culturais e sociais que contribuíram na construção do processo de desenvolvimento turístico. O resgate, a adaptação e mercantilização das peculiaridades culturais da região foram articuladas para promover o desenvolvimento do turismo. Os apoios institucionais foram importantes para a promoção do turismo, mas não foram menos importantes as iniciativas privadas dos empresários, na readaptação de seus negócios para satisfazer as demandas deste tipo de turistas, assim como a participação das associações da região.

O desenvolvimento turístico que a Rota Caminhos do Frio procura para a região, está fundamentado na utilização da cultura como propulsora do desenvolvimento. Através dos discursos, percebemos a complexidade das representações sociais que oscilam entre uma concepção econômica, ao mesmo tempo em que introduzem a dimensão cultural como elemento fundamental para o desenvolvimento da região. No capítulo seguinte abordaremos a análise das ações realizadas para a procura do desenvolvimento na região.

6. AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA REGIÃO DO BREJO

As culturas passam por um processo de des-territorialização devidos os processos globais, mas, ao mesmo tempo por um processo de re-territorialização. Os programas de regionalização do turismo são um intento de organizar os territórios e seus agentes para se inserir no mercado do turismo. Os roteiros turísticos apresentam-se como um conjunto de atrativos culturais, históricos e naturais para atrair os turistas. Assim, os agentes locais empreendem diversas ações para atingir o desenvolvimento turístico de sua região, salvaguardando ou transformando alguns elementos da cultura, da sua historia e de seu entorno natural para elaborar sua oferta para o consumo turístico. O objetivo neste capítulo é analisar as distintas ações geradas pelo processo de desenvolvimento turístico na Região do Brejo Paraibano, através dos agentes que participam no processo de construção dos Caminhos do Frio – Rota Cultural.

6.1. Conhecer as distintas ações desenvolvidas pelos agentes

Como visto anteriormente, o sistema espacial está composto pelas representações sociais sobre o espaço e pelas ações de transcendência espacial realizadas por grupos socio-demográficos (MAIER, 1987), ou seja, pelas ações que tem efeitos sobre o território. Conhecer das ações desenvolvidas através do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural é de fundamental importância para compreender o desenvolvimento turístico e cultural na Região do Brejo Paraibano.

Por serem delimitados em um determinado espaço e se constituírem em um produto turístico coletivo, os roteiros se constituem em promotores da atividade turística direcionando os investimentos, integrando os distintos agentes e facilitando o desenvolvimento turístico da região. As falas das secretarias de turismo dos municípios contribuíram para entender esse processo de desenvolvimento regional. De acordo com as entrevistas, dinamizar aos agentes locais contribuiu para fomentar os investimentos públicos e privados. Um representante da secretaria de turismo destacou que:

[...] O que vem acontecendo quanto aos fatores que estimularam a implementação das ações para o desenvolvimento do turismo no município foi sua melhoria, ou seja, o evento teve uma repaginada, atraindo um maior público do que o já existente antes. Acreditar no potencial de cada município foi muito importante para o desenvolvimento dos Caminhos do Frio nos municípios e na região.

O turismo constrói novos territórios e territorialidades ao promover ações relacionadas à reorganização dos recursos na região que estejam voltados para satisfazer as demandas do turismo como a infra-estrutura energética, transportes, comunicações, saneamento básico. Algumas das ações do Fórum de Turismo estiveram direcionadas à captação de recursos procedentes do governo federal e estadual para melhorar a infra-estrutura dos municípios que integram os Caminhos do Frio. Ainda que estas ações estejam orientadas para o desenvolvimento turístico, elas também tiveram um efeito sobre a melhora da qualidade de vida da população.

Mas se as melhoras em infra-estrutura foram significativas, também constatamos mudanças relacionadas com formas participativas que integram os distintos agentes dentro do projeto de desenvolvimento. Neste sentido, na entrevista a outro secretário de turismo, se destacou a importância do Fórum de Turismo na articulação dos recursos da região para o desenvolvimento das atividades culturais:

[...] durante a edição de 2014 os Caminhos do Frio foi destaque para uma importante ação, que foi a nova gestão do Fórum de Turismo Sustentável do Brejo, para que assim se possa contar com a parceria de órgãos privados, de empresas privadas e que possam apoiar as prefeituras, pois o evento vem crescendo a cada ano, possibilitando pessoas de outros estados e de várias partes do país a visitar o evento.

Outros conjuntos de ações estão relacionados com as atividades culturais e procura os recursos destinados a promover as atividades culturais na região. A Secretaria de Cultura do Estado contribuiu com ajudas para a divulgação do evento, contratação de artistas, organização de exposições de artesanato, mas ao mesmo tempo, contribuiu na articulação de uma rede de artistas e artesãos na região. Para Pérez (2009) a produção do turismo cultural está relacionada com a articulação de ações entre empresas, sociedade civil e políticas estatais, regionais e locais destinadas à promoção do turismo.

A associação da AJAC centra suas ações na realização de atividades recreativas para a população local, porém com a chegada dos Caminhos do Frio começaram a desenvolver ações que vinculassem as manifestações culturais com os turistas. Neste sentido, o representante desta associação destaca que:

[...] Nos dias atuais tem-se no município grupos de teatro, grupos musicais, todos já associados à AJAC. Essa foi uma ponte feita para que esses grupos estejam assim movimentando a economia e levando o entretenimento às pessoas da comunidade local e aos turistas que frequentam o município de Bananeiras nesse período dos Caminhos do Frio.

Vale destacar que as atividades culturais adquirem uma dupla finalidade: de um lado, como atividades de reprodução da cultura entre os habitantes da região e de outro lado, como mercadoria para seu uso turístico. Para Lefebvre (1972) a pluralidade espacial é entendida como um conjunto de possibilidades de representação e de usos diversos de um mesmo espaço. Neste sentido, percebemos que o uso do espaço tem uma dimensão lúdica para os habitantes da região, ao mesmo tempo em que é usado, conjuntamente com as manifestações culturais, para a atividade econômica voltada para o turismo.

Quanto a participação do Sebrae, suas ações estão voltadas para a articulação da governança, e do intercâmbio com os secretários dos municípios e da secretaria de cultura e turismo do Estado,

[...] o estímulo veio a partir do início de projetos, através da interiorização do turismo, com a produção associada ao turismo, onde fica uma consultora do Sebrae na região descobrindo o que tem de potencial, em cima disso é trabalhado com cada empreendedor o que ele irá desenvolver, para que assim, o mesmo veja com outros olhos, ou seja, reconheça que seu produto é turístico. Formando com a produção associada ao turismo procurando ver as potencialidades da comunidade abrindo as portas para que o turista possa ver como funciona e que ele termine comprando o produto, e assim gerar nova renda.

O planejamento regional do turismo, a partir da integração de agrupamentos municipais ou de regiões em roteiros e itinerários turísticos, é uma das formas para se agregar atrativos turísticos que concentrar esforços mercadológicos, orientar investimentos, aplicar recursos financeiros, ordenar as suas ofertas turísticas e

promover o desenvolvimento integrado (BAHL, 2004, pg. 37). Um dos participantes do Fórum de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano destacou,

[...] destaca suas ações a experiência profissional, em querer buscar um maior planejamento de forma que fosse o mais cedo possível, pois para um evento de tamanho e importância para uma região. O Festival de Sons e Sabores do Brejo Paraibano é produto dos Caminhos do Frio, sendo assim, os Caminhos do Frio é um dos eventos da região e a nível Estado que tem como objetivo desenvolver o turismo sustentável.

Essa reflexão se faz paralelo a valorização e importância dada a articulação e planejamento do turismo para os gestores que integram a rota cultural. A cada época, novos objetivos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o espaço, tanto formal quanto substancialmente (SANTOS, 2008) para seu uso turístico. Dessa maneira, considerando o espaço de vida dos habitantes como o espaço turístico, o espaço do Brejo encontra-se em processo de transformação que combina atividades agropecuárias e atividades de serviços destinadas à satisfação das demandas da população local e dos turistas.

Como estamos destacando neste tópico o espaço do Brejo, é importante colocar que o mesmo está sendo reconstruído a partir de suas potencialidades culturais, das representações sociais dos agentes e das ações destinadas ao desenvolvimento turístico. Nessa perspectiva, o território é construído com a participação dos diversos agentes (instituições públicas, associações e empresários) que criam uma dinâmica complexa de reconstrução do território. A análise de parte de esse conjunto de ações que transformam o território será o conteúdo do próximo capítulo.

6.2 Conseqüências geradas pelas ações realizadas no espaço

Enquanto fenômeno heterogêneo e formado por grupos socio-territoriais distintos, a região do Brejo está composta por sistemas de idéias e ações elaboradas de acordo com condições de seu momento histórico. Para Santos, o espaço “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório,

de sistemas de objetos e sistemas de ações, não consideradas isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (1996, p.51). São essas concepções que motivam os usos dos espaços de forma múltipla, com base nos comportamentos sociais, no tempo em que são produzidos e nos anseios e necessidades dos agentes da região.

Os municípios que integram os Caminhos do Frio – Rota Cultural vem modificando seu espaço geográfico através das ações de transcendência espacial desenvolvidas. Tradicionalmente a região do Brejo tinha concentrada sua atividade produtiva na produção de cana. O encerramento das atividades da usina Santa Maria, no ano de 1981, significou o início de um ciclo de crises na região. Como foi analisado por Silva (2011), na sua dissertação Patrimônio histórico e desenvolvimento turístico: representações e ações dos agentes na reconstrução de Areia, depois de um período de três décadas, a região reage elaborando novas estratégias para seu desenvolvimento destinadas à diversificação de sua estrutura produtiva.

Constatamos que houve um processo de complexização da estrutura produtiva na região. Ainda que atividades agropecuárias sejam importantes na região, observamos que partes das atividades produtivas foram orientadas para as novas demandas do setor turístico. Inclusive numa outra dissertação desenvolvida na região por Cavalcante (2013), os engenhos da região adaptam parte de seu espaço para o uso turístico constroem local de recepção; restaurante; lojas de produtos de artesanais, cachaça e rapadura; e realizam atividades próprias das atividades de produção do engenho para turistas. Essas mudanças na estruturas produtivas são resultados da busca por alternativas á crise e significam importantes transformações nas formas de uso do território.

Para Medina (2012) as diversas formas de interpretar a realidade orientam as preferências e as ações dos agentes que participam no processo de construção e re-construção do espaço turístico. Dessa maneira é importante destacar que as relações entre as formas simbólicas e o espaço são complexas, pois de um lado as localizações e itinerários simbólicos valorizam os locais e trajetos percorridos, de outro, incorporam os atributos simbólicos que as localizações e os trajetos possuem. Para Castro (2006),

[...] o turismo constrói novos territórios e territorialidades ao promover inovações relacionadas á infra-estrutura energética, transportes e comunicações, saneamento básico, expansão imobiliária com valorização do solo urbano; ao afetar valores, costumes e cultura da comunidade local, resultando uma série de efeitos favoráveis e desfavoráveis ao inscrever uma nova racionalidade espacial, numa conexão sistêmica entre o local e o global (CASTRO, 2006, p.42).

A avaliação sistemática dos pontos positivos e negativos para o desenvolvimento do turismo indica uma melhora por parte de algumas instituições que participam no processo de desenvolvimento do turismo na região do Brejo. Na face inicial deste processo não se constata avaliações deste tipo o que impedia poder planejar de forma eficiente. No relatório elaborado pelo Fórum de Turismo Sustentável do Brejo em 2013, se indicam os pontos positivos e negativos no processo de construção da Rota Cultural – Caminhos do Frio.

Quadro 01: Avaliação do Fórum da Rota Caminhos o Frio, 2013.

Avaliação do processo de construção da Rota Caminhos do Frio	
Pontos Positivos	Pontos Negativos
Desenvolvimento turístico	
<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do fluxo turístico/visitantes. • Injeção financeira na economia local. • Resgate e valorização da cultura e tradição local. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de preparação profissional. • Escassez de projeto(s) para captação de recursos. • Deficiências na divulgação/<i>marketing</i>.
Apoios institucionais	
<ul style="list-style-type: none"> • Apoio do Sebrae, da UFPB e do Banco do Nordeste. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de apoio do governo do estado e atraso no fechamento das programações. • Não cumprimento das atrações em alguns municípios. • Falta de apoio da rede bancárias na região.
Participação	
<ul style="list-style-type: none"> • Participação da comunidade no evento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de apoio dos empresários. • Escassa participação das organizações não governamentais. • Falta de integração/participação entre os municípios e identidade em alguns dos municípios.

Fonte: Fórum de Turismo Sustentavel do Brejo Paraibano (2013). Adaptação: CORDEIRO (2014).

Ainda que detectar os pontos negativos que interferem no desenvolvimento turístico não significa a resolução do problema, se indica a preocupação do Fórum pela necessidade de avaliação e, conseqüentemente, a elaboração de estratégia para diminuir ou resolver os problemas detectados.

A Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) é responsável por fazer a divulgação do evento Caminhos do Frio – Rota Cultural a través da “Van do Destino Paraíba”, geralmente nos finais de semanas percorrendo o evento em cada município participante. Para a representante do PBTur:

[...] as ações estão voltadas para subsidiar os municípios, para fomentar as ações de planejamento e desenvolvimento do setor turístico na questão regional. De forma particular apresentamos de maneira isolada o resultado para cada município, assim como a PBTur apresenta também um resultado consolidado, e isso é muito importante porque cada um vai ver seu andamento em particular.

Para uma das representantes de uma associação de empresários da região, o evento permite a divulgação da produção de artesanato da região, a geração de vendas, o resgate de atividades profissionais tradicionais.

[...] durante o evento Caminhos do Frio, a associação Chã de Jardim, tem um espaço para divulgação de seus produtos da palha da bananeira, para os mesmos serem conhecidos pelo turista visitante e disseminar a cultura do brejo paraibano.

Para os empresários locais, assim como os representantes de associações de empresários, a divulgação está relacionada o seu negócio e ao próprio evento dos Caminhos do Frio. Esta questão permite analisar que ainda não foi criado um tecido associativo o suficientemente forte para considerar que o desenvolvimento é uma tarefa que imbrica aos diferentes agentes da região.

O sitio simbólico de pertencimento de Zaoual é definido como:

um local em sentido geográfico (bairro, cidade, microregião, região, país, etc.) e também em sentido simbólico (adesão a uma cultura, a uma ideologia, a uma religião), remetendo a significados específicos definidos pelos seus atores que, em função de sua identidade, de um lado, aceitam ou recusam o que lhes é proposto de fora e, de outro, procuram soluções originais para seus problema. (ZAUOAL, 2003)

Na pesquisa, o espaço do Brejo é considerado como uma seleção de elementos que sintetiza os atrativos locais mais valorados como signos da identidade regional e atrativos turísticos. Os Caminhos do Frio caracteriza-se por ser um espaço geográfico situado na Serra de Borborema que intenta atrair o turismo cultural de inverno baseando sua estratégia nas condições climáticas e numa serie de atrativos culturais como podemos apreciar na figura 05.

O folder dos Caminhos do Frio – Rota Cultural edição de 2012 mostra que a partir dos seis municípios da região se organizam um conjunto de atividades para atrair o público participante do evento como são as oficinas, gastronomia, artesanato, shows, atrações culturais e música.



Figura 05: Folder do evento Caminhos do Frio – Rota Cultural. Fonte: PBTur, 2012.

O planejamento para o desenvolvimento turístico no Brejo requer o levantamento de informações sobre os problemas detectados pelo Fórum que possibilite a tomada de decisões para resolver esses problemas. Assim, torna-se fundamental a realização da pesquisas anual (2011, 2012 e 2013) da Secretaria

Executiva de Turismo do Estado onde se levantaram dados sobre o turismo nos Caminhos do Frio - Rota Cultural. O conteúdo desta pesquisa centra-se no fluxo turístico, permitindo avaliar a opinião do público sobre o evento assim como a infraestrutura básica e de serviços turísticos, nas cidades de: Bananeiras, Areia, Serraria, Alagoa Grande, Alagoa Nova e Pilões. Esta pesquisa é realizada anualmente desde 2011 até 2013. Neste sentido, as ações do Fórum assim como da Secretaria de Turismo do Governo do Estado da Paraíba mostram a importância da avaliação sistemática para o planejamento de suas atividades.

Estas informações e as ações para resolver os problemas detectados vão modificando os roteiros turísticos. Os roteiros são considerados como fruto de um processo de ordenação de elementos presentes no território para o desenvolvimento. Relacionado a essa reflexão, Haesbaert (2011) destaca que mais do que território, a territorialidade é o conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural, compondo-se de duas faces: uma expressão material do território e a outra face como conteúdo significativo simbólico. De acordo com essa abordagem Corrêa (2012) enfatiza que a importância simbólica de um lugar tem sua lógica derivada dos significados socialmente construídos e integrados à vida do grupo social que os construiu. O que destaca-se para a representante da associação de Veneza, é que:

[...] uma das ações concretas foi a criação da floricultura com flores tropicais, que são as flores nativas, uma iniciativa para aumentar a renda da comunidade e expor o produto local aos turistas quando vierem visitar o município durante o evento.

Assim, percebemos no estudo que as atividades agrária, típica da história econômica da região e que forma parte da cultura regional, não desapareceu e sem que modificasse para a produção de novos produtos que se complementa à tradicional produção de cana. A criação da Associação das Mulheres em Ação do Projeto de Assentamento de Veneza é uma cooperativa de mulheres para a produção de flores ornamentais. Nessa perspectiva contribuí para valorização do produto local como é o caso da floricultura pelo seu valor simbólico para a comunidade.

As figuras 06 e 07 mostram que a produção de flores não é uma ação desenvolvida para o turismo local e sim uma atividade econômica preexistente

integrada no Roteiro pelo valor simbólico para a comunidade regional nos Caminhos do Frio. A produção de flores está orientada para satisfazer as demandas dos consumidores da região, assim como de João Pessoa/PB e Campina Grande/PB, assim como outros estados a exemplo de PE e RN.



Figura 06: Floricultura no Município de Pilões Fonte: CORDEIRO, 2013

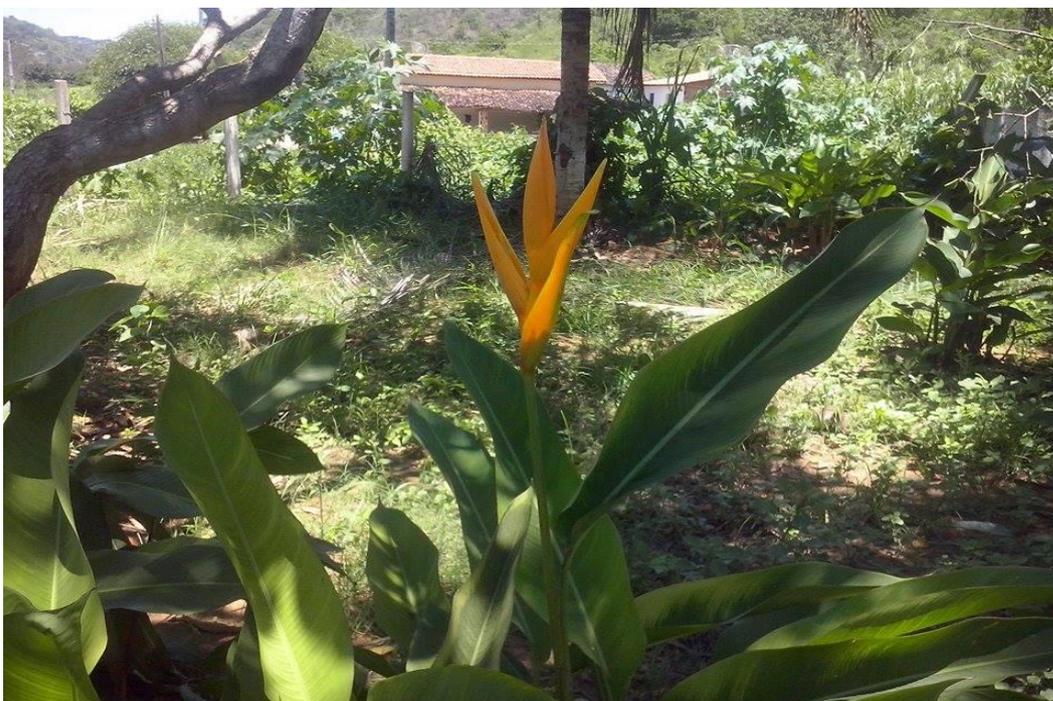


Figura 07: Flores tropicais na Associação Olho D'Água. Fonte: CORDEIRO, 2014

Outro aspecto importante a se destacar é a solidificação de uma cultura associativa na região como parte do conjunto de ações para o desenvolvimento. Na pesquisa realizada, constatamos a existência de várias associações como Associação Espaço do Artesão; Associação Chá de Jardim; Associação das Mulheres em Ação do Projeto de Assentamento de Veneza e Associação dos Jovens de Arte e Cultura. Esta cultura associativa não pode ser atribuída de forma exclusiva à existência dos Caminhos do Frio, mas favorecem o desenvolvimento regional.

O desenvolvimento do capital humano entendido desde a perspectiva de Sen (2000), é um fim e não um meio para o desenvolvimento, em que a teoria, a política e as práticas do desenvolvimento devem incorporar os conceitos de cooperação e confiança entre os membros das comunidades, já que estes elementos constituem o tecido social em que se baseiam a política, a economia e o desenvolvimento de comunidades na escala humana (Max Neff, 1993). Porém, o desenvolvimento humano ainda é colocado por Coriolano e Sampaio, como que:

é baseado na autonomia dos países, das pessoas e de comunidades, de maneira a convertê-los em sujeitos do processo do desenvolvimento e não apenas em meros objetos. (2012, p. 64)

Os roteiros turísticos são considerados como fruto de um processo de ordenação de elementos que procuram segmentos do mercado do turismo fora da estação de verão para o desenvolvimento regional partindo do maior grau de participação possível. As ações desenvolvidas pelo conjunto de agentes na região procuram organizar e estabelecer estratégias para desencadear a circulação turística, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento dos atrativos a visitar (BAHL, 2004a; RAMOS, 2012).

O processo de reconstrução do espaço turístico é realizado por agentes que desempenham atividades de transcendência espacial. Entendemos as atividades de transcendência espacial turísticas como aquelas atividades que afetam a reconstrução do espaço de uso turístico de forma efetiva (MEDINA, 2012,). No entanto, o espaço turístico é o resultado das distintas lógicas e das relações de cooperação e de conflitos dos agentes que participam na reconstrução do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação possuiu como objetivo principal, analisar as relações existentes entre as representações e ações dos distintos agentes envolvidos na Rota Cultural Caminhos do Frio e suas implicações para o desenvolvimento turístico na microrregião do brejo paraibano. Considerando algumas das representações sociais dos agentes que participam dos Caminhos do Frio – Rota Cultural procurou-se interpretar as relações existentes, entre as representações e as ações dos envolvidos para o desenvolvimento regional turístico cultural.

É pertinente contextualizar o modelo de desenvolvimento de um território, analisando-se os agentes, suas interpretações das realidades assim com as ações desenvolvidas. No entanto, desenvolver o turismo em cidades de interior, como as que fazem parte da Rota Cultural Caminhos do Frio, requer cuidado com o meio físico – natural e com a cultural da região, pois o benefício aferido pela atividade turística depende da preservação da qualidade da paisagem, da cultura e da tradição de um povo e suas características peculiares.

Esta dissertação abordou aspectos relacionados com a teoria do desenvolvimento e suas implicações com os processos de regionalização. Para compreender a pesquisa, partiu-se do estudo de alguns conceitos básicos do desenvolvimento, chegando a um estudo do desenvolvimento em nível regional. Nessa tarefa foi dada uma ênfase especial à participação dos atores sociais locais e regionais. Além disso, se considerou aquelas teorias que tinha a cultura como parte integrante do desenvolvimento.

Vale compreender que a cultura é uma das dimensões geradoras de desenvolvimento, principalmente quando analisada a partir da perspectiva do turismo. É com relação às novas demandas do turismo, e especialmente ao turismo cultural, que a dimensão da cultura deve ser inserida nos modelos teóricos e nas práticas de gestão e planejamento do desenvolvimento regional. Porém, o turismo não é apenas uma atividade econômica, mas também como uma atividade social, carregada de signos, representações e que afeta aos valores sociais dos turistas e os membros da comunidade. Compreender o papel do turismo na produção do espaço é tarefa bastante complexa, pois o turismo é uma prática social e uma

atividade econômica que, às vezes, se impõe aos lugares, e em outros casos, é promovida pelas comunidades.

A implantação dos Caminhos do Frio – Rota Cultural foi uma iniciativa dos agentes locais para reagir à crise agrária iniciada na década dos anos oitenta. Desde sua origem a proposta de desenvolvimento turístico considerou a dimensão cultural e as condições climáticas de frio e umidades como dois atrativos importantes. Assim, os agentes da região, participam na construção do Roteiro Caminhos do Frio, direcionando suas estratégias para a promoção da cultural e das tradições regionais.

A configuração do Roteiro não está isenta de processo de exclusão. Segundo a Secretaria de Executiva do Estado a Região Turística do Brejo é formada por quatorze municípios. Deste quatorze só seis aderiram ao projeto inicial e posteriormente, no ano de 2014, se incorporou mais um município. Para os municípios que participam da Rota, observamos uma consolidação do evento e um aumento de turistas a cada ano. Para que o projeto avançasse foi necessário que houvesse uma articulação das ações públicas municipais e estaduais; o comprometimento de outros parceiros institucionais como o SEBRAE e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; das associações e dos empresários da região. Desta forma, à anterior forma de uso do espaço está se impondo a outra nova forma de configuração na qual alguns municípios estão sendo excluídos do processo.

No início de 2003 o Ministério do Turismo lançou o Programa Nacional de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, com o intuito de promover o desenvolvimento do turismo em diversas regiões do Brasil. Dois anos depois, Os Caminhos do Frio realizou o I Seminário de Regionalização do Turismo do Brejo Paraibano (2005). De acordo com o documento de criação, o objetivo geral do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural é promover o desenvolvimento sustentável e promover a integração regional. Uma das principais deficiências detectadas para promover esse desenvolvimento é a falta de planos diretores nos seis municípios que integram a Rota. Este fato denota as dificuldades que as cidades de pequeno porte têm para executar o artigo 50 da Lei de Cidades bem seja por falta de capacidade financeira, pela falta de pessoal técnico preparado ou pelo descanso dos responsáveis das prefeituras para elaborar o plano.

As representações sociais dotam de sentido aos objetos representados e influencia as ações dos agentes sociais. Assim, as representações sociais jogam um importante papel no processo de construção da Rota Cultural -Caminhos do Frio ao escolher duas características básicas da região como o frio nos meses julho a setembro, as peculiaridades de sua cultura regional e histórica. Destacamos que a representação social sobre o desenvolvimento predominante é uma representação economicista que interfere na mercantilização de alguns de seus elementos culturais e desconsideram outros para ser incluídos como parte dos atrativos da Rota.

Nas teorias sobre o desenvolvimento predomina uma visão economicista, mas aos poucos vão surgindo novas reflexões que incorporam uma visão mais complexa introduzindo as dimensões, social, ambientais, capital humano, dentre outras. Na aplicação destas teorias para o estudo do Brejo, percebemos que existe uma relação entre as teorias consideradas em nosso estudo e a realidade pesquisada. Se bem que a representação dominante esta marcada pela questão econômica, também encontramos agentes que incluíam a questão ambiental e cultural como parte de sua representação sobre o desenvolvimento. Consideramos que isto se deve ao fato de que as duas características básicas para promover o turismo sejam o frio na estação de inverno e algumas expressões culturais da região.

As teorias que estudam o desenvolvimento, destacou a importância de que os projetos de desenvolvimento, são importantes para facilitar um ambiente participativo, que integre a maior quantidade de agentes da região. Neste sentido, foi verificado a articulação das Associações, Fórum de turismo, SEBRAE, PBTur, secretários das prefeituras e empresários que facilitaram o capital sinérgico capaz de impulsionar e consolidar o roteiro. No entanto, também percebemos que o projeto de desenvolvimento não está isento de relações de poder e lutas expressadas por alguns das pessoas entrevistadas em relação à falta de participação.

Como temos dito o roteiro é um intento de organizar o território e seus agentes que apresenta um conjunto de atrativos culturais, históricos e naturais para atrair os turistas. Com essa finalidade os agentes locais empreendem diversas ações para atingir o desenvolvimento turístico salvaguardando ou transformando alguns elementos da cultura, da sua história e de seu entorno natural. Os resultados

desse conjunto de ações estão repercutindo na consolidação do evento e o incremento constante do número de turistas.

O turismo está reconstruindo o território da região ao reorganizar parte de seus elementos para satisfazer as demandas do turismo. As atividades desenvolvidas estão produzindo uma superposição das atividades turística sobre o tradicional uso agropecuário da região. Neste sentido, algumas atividades agrárias como a floricultura e engenhos estão adaptando suas estruturas para se adequar para uso turístico. Cabe salientar que esta superposição não significa a extinção dos usos agrários e sim uma complementação entre ambas as atividades.

Algumas dessas ações consistiram na captação de recursos procedentes do governo federal e estadual para melhorar a infra-estrutura dos municípios que integram os Caminhos do Frio. Ainda que estas ações estivessem orientadas à melhora das infra-estruturais para o desenvolvimento turístico, também tiveram seu efeito sobre a melhora da qualidade de vida da população. Outras ações desenvolvidas neste sentido foram as atividades de formação e capacitação dos profissionais de setor turístico o que significa uma melhora no capital humano envolvido.

O planejamento do desenvolvimento do turismo no Brejo considerou as manifestações culturais como um de seus atrativos. Assim, foram desenvolvidas atividades como oficinas sobre gastronomia e uso das flores ornamentais, entre outros, que permitisse uma maior interação dos turistas com as tradições regionais. O turismo cultural procura novas formas de fazer turismo e demanda uma maior imbricação com os fatos históricos, culturais, costumes, tradições e crenças das comunidades.

Os agentes que participam de um processo de desenvolvimento turístico refletem sobre o contexto de recursos, normas e regras que delimitam suas ações redefinindo suas estratégias e objetivos. Neste sentido, percebemos que a PBTur levantou dados com um questionário sobre o os turistas que participaram do evento no ano 2011, 2012 e 2013; e o Fórum de Turismo Sustentável do Brejo realizou avaliação no ano 2013. A consolidação do evento vem permitnido que alguns dos agentes institucionais envolvidos entendam que refletir como instrumentos de pesquisa ou avaliações sistemáticas podem contribuir no planejamento.

A rota Os Caminhos do Frio é considerada uma iniciativa consolidada e contribui para o desenvolvimento da região do Brejo, tendo a cada edição um crescimento significativo de público. A valorização da região vem se dando em consequência do crescimento da infra-estrutura para o turismo gerando o crescimento econômico e desenvolvimento social e cultural. O reconhecimento e a valorização da cultura regional e suas potencialidades se faz presente através das melhoras no capital humano. No entanto, a região é reconstruída com a exclusão de alguns dos municípios. Além disso, problemas como a falta de um plano de *marketing* mais efetivo, deficiências na formação profissional, e na participação de algumas associações e empresários mostram a insatisfação por parte de alguns dos agentes da região.

Em sínteses, o espaço do Brejo é um espaço que está sendo reconstruído a partir de suas potencialidades culturais e econômicas para o desenvolvimento do turismo, também das representações sociais dos agentes e das ações destinadas ao desenvolvimento turístico. Nessa perspectiva, o território é construído com a participação dos diversos agentes (instituições públicas, associações e empresários) que criam uma dinâmica complexa de reconstrução do território não isenta de conflitos.

REFERÊNCIAS

BAHL, M. **Agrupamentos turísticos municipais**. Curitiba: Prottexto, 2004a.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOISIER, Sergio. Políticas econômicas, organização social e desenvolvimento regional. In: HADDAD, P. R. (Org.). **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1989.

-----**Em busca do esquivo desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político**. Planejamento e Políticas Públicas. Nº13 – JUN de 1996.

-----**El desarrollo territorial a partir de la construcción de capital cinérgico**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Minas Gerais: UFMG Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, nº 2, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil – Diretrizes Políticas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2001.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil – Diretrizes Operacionais**. Brasília, 2005.

BRASIL. **Documento Referencial Turismo no Brasil 2013-2016**. Brasília: Ministério do Turismo. 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2013-2016**. Brasília, DF, 2013.

BRASILEIRO, M.D.S; MEDINA, J.C.C; CORIOLANO, L.N. (orgs). **Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões. Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico. **IN: Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aliph, 2002.

CANCLINI.N. **Culturas Híbridas. Estratégias para estudar e sair da modernidade**. São Paulo, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, CRUZ, Rita de Cássia Ariza da, YÁZIGI, Eduardo (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, André Luiz Piva de; NÓBREGA, Zulmira Sila. Um caminho possível: cultura como fator de desenvolvimento no alinhamento do turismo à economia da cultura. **IN: Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. 240p.

CASTRO, N.A.R de. **O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teóricas metodológicas á ação educativa**. 2006. 311f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAVALCANTE, Erika Derquiane. **A Cachaça e o Desenvolvimento Turístico: uma análise das representações do espaço e dos atores envolvidos na atividade turística no Brejo Paraibano**. (Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. **IN: Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço/** org. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural.** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224p.

CORIOLANO, Luzia Neide; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Discursos e concepções teóricas do desenvolvimento e perspectivas do turismo como indução. **IN: Turismo, cultura e desenvolvimento.** Campina Grande: EDUEPB, 2012. 240p.

CORIOLANO, Luzia Neide (org.). **Turismo, território e conflitos imobiliários.** Fortaleza: EdUECE, 2012. 431p.

CORIOLANO, L.N; SAMPAIO, C.A.C. Discursos e Concepções Teóricas do Desenvolvimento e Perspectivas do Turismo como Indução. **IN: Turismo, território e conflitos imobiliários.** Fortaleza: EdUECE, 2012. 431p.

DIAS, Reinaldo. **Fundamentos do Turismo: conceitos, normas e definições.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo.** 1.ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento.** 5.ed. ver. São Paulo: Global, 2008.

FURTADO, Celso. **Cultura e Desenvolvimento em época de crise.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2009.

FURTADO, Celso. **O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento: Banco do Nordeste do Brasil, 2009. 248p.

FURTADO, Celso. **Raízes do subdesenvolvimento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13 reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008. 322p.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-CONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**, São Paulo, Ed. Annablume, 2005.

JODELET, D. **Les Représentations Sociales**. Paris, France: Presses Universitaires de France, 1989.

JODELET, Denise. Représentation Sociale: phénomemes, concept et theorie. **IN: Psychologie Sociale**, Paris: PUF, 1990.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. 4. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

LEFEBVRE, Lucien. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madrid: Alianza, 1972.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti: **O discurso do sujeito coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). 2ª edição. Caixas do Sul, RS: Educs, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEDINA, Julio César Cabrera. Re-construcción de la cultura y del espacio turístico. **IN: Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

MAIER, Jorg; PAESLER, Reinhard; RUPPERT, Karl; SCHAFFER, Fra. **Geografía Social**. Madrid: Rialp, 1987.

MONTEIRO, Thereza Rachel. Mapa de caracterização geográfica do Brejo Paraibano. Mestre em Geografia, UFPB, 2014.

NEFF Max, Manfred A. **Desarrollo a escala humana: conceitos, aplicações y algunas reflexiones**. Montevideo, Uruguay: Editora Nordam-Comunidade. 1993.

NEEF Max, Manfred. A. **Desarrollo a escala humana**. Barcelona: Icaria Editorial. 1994.

OLIVEIRA, G. B. **O desenvolvimento sustentável em foco: uma contribuição multidisciplinar**. Curitiba: São Paulo: Annablume, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa quantitativa.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PERÉZ, Xerardo Pereiro. – **Turismo Cultural: uma visão antropológica.** – El Sauzal (Tenerife. España): ACA Y PASOS, RTPC, 2009.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ed. Àtica, 1993.

RAMOS, Silvana Pirillo (org.). **Planejamento de roteiros turísticos.** Porto Alegre, RS: Asterisco, 2012.

RODRIGUES. B. A. **Turismo e territorialidades plurais - lógicas excludentes ou solidariedade organizacional.** In LEMOS, Amália Inês.G; ARROYO, Mônica; SILVEIRA, Maria Laura. América Latina: cidade, campo e turismo. São Paulo, 2006.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo como fenômeno humano: princípios para pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnicas e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional.** 5.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** 5. ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SCHUSSEL, Zulma das Graças Lucena. Turismo, desenvolvimento e meio ambiente. **IN: Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. E atualizada, São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, M. L. J de. **O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA; Roberto Lobato (orgs). Geografia: conceitos e temas. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

SILVA, Luciana Gomes da. **Patrimônio Histórico e Desenvolvimento Turístico: Representações e Ações dos Agentes na Reconstrução de Areia**. (Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

STHOR, W. B.; TAYLOR, D. R. **Development from above or below? The dialectics of regional planning in development countries**. New York: J. Willey, 1981.

VASCONCELOS, M. A.; GARCIA, M.E. **Fundamentos de economia**. São Paulo: Saraiva, 1998.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura**. 2.ed. Bauru, São Paulo: Edusc, 2003.

WOLFE, Marshall. **Desenvolvimento: para que e para quem? Indagações sobre política social e realidade político social.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ZAOUAL, H. **Globalização e diversidade cultural:** textos selecionados e traduzidos por Michel Thiollent. São Paulo: Cortez, 2003.

Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós – global. Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2006.

ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ZAOUAL, Hassan. “Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?” **Caderno Virtual de Turismo**, Vol. 8, N° 2, p. 114, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Instrumento de Coleta de Dados

REPRESENTANTE: Fórum do Turismo Sustentável do Brejo Paraibano

1. Objetivo: Identificar as representações sociais sob o desenvolvimento turístico na região dos distintos agentes que participam no projeto Rota Cultural Caminhos do Frio.
 - a. Desde o ponto de vista do desenvolvimento regional. Qual a importância da Rota Cultural Caminhos do Frio para o desenvolvimento turístico do brejo paraibano?
 - b. Que tipo de desenvolvimento turístico procura o fórum para a região do Brejo?
 - c. Que tipo de turista pode estar interessado em visitar o Brejo no período dos Caminhos do Frio?

2. Objetivo: Especificar as ações para o desenvolvimento turístico na região dos agentes que participam do processo de construção da Rota Cultural Caminhos do Frio.
 - a. Quais são as principais ações concretas que estão sendo tomadas para o desenvolvimento do turismo na região?
 - b. Quais fatores estimularam a implementação dessas ações para o desenvolvimento do turismo na microrregião através da Rota Cultural Caminhos do Frio?
 - c. Quais fatores limitaram o a implementação dessas ações para o desenvolvimento do turismo na microrregião através da Rota Cultural Caminhos do Frio?
 - d. No marco da Rota Cultural Caminhos do Frio, como o senhor avalia os efeitos dessas ações sobre a região do Brejo?

APÊNDICE 2 – Instrumento de Coleta de Dados

REPRESENTANTE: Gestores municipais representantes das Secretarias de Turismo e Cultura

1. Objetivo: Identificar as representações sociais sob o desenvolvimento turístico na região dos distintos agentes que participam no projeto Rota Cultural Caminhos do Frio.

a) Do ponto de vista do desenvolvimento regional. Qual a importância da Rota Cultural Caminhos do Frio para o desenvolvimento turístico do município?

b) Que tipo de desenvolvimento turístico a Rota Caminhos do Frio procura para o município? A partir de que idéia o município decidiu investir no turismo através da cultura e não de outros atributos?

c) Que tipo de turista pode estar interessado em visitar o município no período dos Caminhos do Frio?

2. Objetivo: Especificar as ações para o desenvolvimento turístico na região dos agentes que participam do processo de construção da Rota Cultural Caminhos do Frio.

a) Quais as ações do projeto para a atividade turística do município e da região após a implementação do projeto? Quem financia as ações do projeto neste município?

b) Quais são as principais ações concretas que estão sendo tomadas para o desenvolvimento do turismo no município?

c) Quais fatores estimularam a implementação dessas ações para o desenvolvimento do turismo no município através da Rota Cultural Caminhos do Frio?

APÊNDICE 3 – Instrumento de Coleta de Dados
REPRESENTANTE: Representantes das Associações

1. Objetivo: Identificar as representações sociais sob o desenvolvimento turístico na região dos distintos agentes que participam no projeto Rota Cultural Caminhos do Frio.

- a) Como representante social qual a sua participação na Rota Cultural Caminhos do Frio para o desenvolvimento turístico do município?
- b) Que tipo de participação o senhor (a) realiza através da Rota Cultural Caminhos do Frio? E qual sua importância para o desenvolvimento turístico?
- c) Como a associação participa da Rota Cultural Caminhos do Frio? Vocês tem algum incentivo/financiamento?

2. Objetivo: Especificar as ações para o desenvolvimento turístico na região dos agentes que participam do processo de construção da Rota Cultural Caminhos do Frio.

- a) Quais as principais ações concretas da associação para com o desenvolvimento do turismo no evento Rota Cultural Caminhos do Frio?
- b) Quais fatores estimularam a implementação dessas ações para o desenvolvimento do turismo no município através da Rota Cultural Caminhos do Frio?
- c) Quais dificuldades encontradas pela associação diante da Rota Cultural Caminhos do Frio e suas implicações para o desenvolvimento turístico regional?

APÊNDICE 4 – Instrumento de Coleta de Dados

REPRESENTANTE: Empresários

1) Objetivo: Identificar as representações sociais sob o desenvolvimento turístico na região dos distintos agentes que participam no projeto Rota Cultural Caminhos do Frio.

a) Como empresário (a) qual a sua participação na Rota Cultural Caminhos do Frio para o desenvolvimento turístico da Região do Brejo?

b) Que tipo de participação o senhor (a) realiza através da Rota Cultural Caminhos do Frio? E qual sua importância para o desenvolvimento turístico?

c) Como sua empresa participa da Rota Cultural Caminhos do Frio? E qual o incentivo/financiamento oferecido ao evento?

2) Objetivo: Especificar as ações para o desenvolvimento turístico na região dos agentes que participam do processo de construção da Rota Cultural Caminhos do Frio.

d) Quais as principais ações concretas da empresa para com o desenvolvimento do turismo no evento Rota Cultural Caminhos do Frio?

e) Quais fatores estimularam a implementação dessas ações para o desenvolvimento do turismo na região através da Rota Cultural Caminhos do Frio?

f) Quais dificuldades encontradas diante da Rota Cultural Caminhos do Frio e suas implicações para o desenvolvimento turístico regional?

APÊNDICE 5 – Instrumento de Coleta de Dados
REPRESENTANTE: Representantes do Governo do Estado

1) Objetivo: Identificar as representações sociais sob o desenvolvimento turístico na região dos distintos agentes que participam no projeto Rota Cultural Caminhos do Frio.

a) Como representante do governo do Estado qual a sua participação na Rota Cultural Caminhos do Frio para o desenvolvimento turístico na Região do Brejo?

b) Que tipo de participação o senhor (a) realiza através da Rota Cultural Caminhos do Frio? E qual sua importância para o desenvolvimento turístico da Região do Brejo?

c) Como o governo participa da Rota Cultural Caminhos do Frio? Qual sua parcela de incentivo/financiamento para com o evento?

2) Objetivo: Especificar as ações para o desenvolvimento turístico na região dos agentes que participam do processo de construção da Rota Cultural Caminhos do Frio.

a) Quais as principais ações concretas do Governo do Estado para com o desenvolvimento do turismo no evento Rota Cultural Caminhos do Frio?

b) Quais fatores estimularam a implementação dessas ações para o desenvolvimento do turismo na região através da Rota Cultural Caminhos do Frio?

c) Quais dificuldades encontradas pelo Governo do Estado diante da Rota Cultural Caminhos do Frio e suas implicações para o desenvolvimento turístico regional?